

518



FÁTIMA • 50

Ano II-Nº 21

13 Janeiro 1969





A imagem de Nossa Senhora de Fátima ao lado da imagem da Patrona de Lérida, em Espanha, simboliza a amizade peninsular, na paz, sob a protecção da Virgem Maria

A PAZ DE FÁTIMA

Foi uma palavra de Paz a palavra que Nossa Senhora disse aos pastorinhos de Aljustrel. Uma palavra de Paz com um pedido de penitência; uma palavra de Paz com uma insistência sobre a oração.

A conversão e a graça são os esteios em que se apoia o arco de luz que se chama Paz.

Quando a Virgem Maria apareceu o Mundo agonizava entre o fragor de uma guerra considerada a maior até então. Logo pôs no coração angustiado das crianças uma flor de esperança. O mundo sofria os efeitos do pecado porque «se os homens não deixassem de ofender a Deus, outra guerra pior sobreviria.» E logo a Virgem indica aos videntes os remédios soberanos: conversão e oração.

Desde há cinquenta anos não se tem deixado de anunciar esta palavra que Deus enviou aos homens por meio de Sua Mãe: penitência e oração.

Findou aquela guerra atroz. Ficou de pé a palavra de Fátima. Outra guerra sacudiu o Mundo. Incólume ficou a Paz de Fátima. Porque é sempre válida a mesma razão e a guerra só pôde acontecer porque os homens não deixaram de ofender a Nosso Senhor e não fizeram bastante oração.

O Mundo debate-se ainda, aqui e além, por toda a parte, entre guerras e ameaças de guerras. Por toda a parte reina o pecado. No terreno propício da ambição sem limites, da mentira sem reboço, da impureza desenfreada, da mais gritante injustiça, cai a semente ruim das imposições da força, das conquistas sem lei, das extorsões que fazem nascer e crescer armas em vez de flores, inundando os campos de cadáveres, espalhando fogo e ruínas. E quantas almas, colhidas sem preparação, vão para o Inferno!

A Paz de Fátima é a esperança e o conforto para os crentes; alento para os que amam a justiça; prémio para os pregadores do bem e do amor. Na Cova da Iria, em vigília permanente, a conversão é pregada e faz-se oração pela Paz.

Quando se completavam 50 anos sobre as aparições, o Papa veio a Fátima para recordar a mensagem de Nossa Senhora. Aflito pela violência que lança

DEPÓSITO LEGAL
- 0. JAN. 1969

FÁTIMA-50

INTERNATIONAL

Ano II - N.º 21 - 13 Janeiro 1969

os homens uns contra os outros, Paulo VI veio ajoelhar-se aos pés da Rainha da Paz, pedir-Lhe a Paz. E fez, deste púlpito, um dos seus mais dramáticos apelos em favor da Paz. Alguns meses depois, inspirado pela sua caridade para com todos os homens, instituiu, para o 1.º de Janeiro, em cada ano, o Dia da Paz.

«Fátima-50» fez-se eco, como não podia deixar de ser, desse apelo do Papa e de todos os seus mais solenes discursos a propósito da Paz. Volta, neste ano de graça que há poucos dias iniciámos, a fazer-se porta-voz da mensagem pontifícia que repete a mensagem da Mãe de Deus.

Anuncia-se a Paz, pede-se a Paz nos mais variados tons, cada vez com mais veemência, mas não se foge ao que de fundamental subsiste na própria Paz e continua a ser a palavra do Evangelho, a palavra da Virgem Maria em Fátima: Penitência e Oração.

Paulo VI afirma, nomeadamente na sua mensagem de 8 de Dezembro de 1968, que «a Paz exige a revisão dos abusos e coincide com a causa da justiça». Dirige-se, ao falar assim, principalmente aos jovens, talvez por ver neles uma esperança maior de justiça e de pureza. Foi o que Nossa Senhora disse, também, às crianças: «fazer penitência, arrepende-se dos pecados, deixar de ofender a Nosso Senhor».

Da conversão vem a graça e com a graça a Paz. É ainda neste sentido que Paulo VI diz na sua mensagem: «A Paz é o primeiro efeito desta nova economia a que nós chamamos a graça.»

Se todos quantos desejamos a Paz — e haverá homem que a não deseje? — queremos deveras a Paz, temos de aceitar a Paz de Fátima como uma «trégua de Deus» de novo sentido, ou seja, a Paz autêntica que é fruto da justiça como a justiça é fruto da penitência na aceitação do dom de Deus pela humildade da oração que suplica e agradece.

Voltemo-nos para a Virgem Maria, Mãe de Jesus, o Príncipe da Paz, rezando-Lhe muitos terços com esta intenção. Se em vez de armas andassem contas de um rosário nas mãos dos homens, nos seus corações apenas haveria alegria e Paz.

REVISTA MENSAL DE ACTUALIDADES,
DOCUMENTAL E ILUSTRADA
(ESPAÑOL, FRANÇAIS, ENGLISH)

Editor e Director:
Cón. Dr. JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA

Chefe de Redacção:
Dr. MÁRIO MANUEL D'OLIVEIRA FIGUEIREDO

Propriedade do SANTUÁRIO DE FÁTIMA

Direc. Literária e Artística: MÁRIO DE FIGUEIREDO

Redacção, Administração e Publicidade:
SANTUÁRIO DE FÁTIMA • Telef. 97468

PREÇÁRIO (pagamento adiantado): Assinatura anual (12 números) — 100\$00 — Exemplar avulso: 10\$00
Ultramar, Espanha e Brasil — Assinatura anual: 120\$00
Outros países — Assinatura anual: 130\$00

PRIX D'ABONNEMENT - 12 numeros (un an): 130\$00
Les paiements peuvent être effectués en devises étrangères au taux du jour.

SUBSCRIPTION RATES - Series of 12 copies (1 year): 130\$00 — Payment may be made in any currency at rate of exchange of the day.

SUSCRIPCIÓN ANUAL: 120\$00. El pago puede hacerse efectivo mediante giro postal o cheque bancario.

NESTE NÚMERO:

ACTUALIDADES

Noticias de Fátima	8
Estátua de Paulo VI em Leiria	22

DOCUMENTOS

A Paz é o primeiro efeito da graça	4
Os Direitos do Homem e a Paz	6
Apostolado dos moribundos	12

COLABORAÇÕES

O Rosário pela Bíblia	14
O Rosário e a Mensagem de Fátima	18

TESTEMUNHOS

A Paz de Fátima	3
-----------------------	---

RESUMOS

Resúmenes — Summary — Résumés	16, 17 e 23
-------------------------------------	-------------

ILUSTRAÇÕES

Foto a cores da contra-capta de Mário de Figueiredo;
fotos a preto e branco, de «MARINHO»

Aceita-se publicidade, seleccionada. Preços a combinar.

«FÁTIMA-50» declina toda a responsabilidade sobre os originais que não forem solicitados directamente. Não obstante agradece toda a colaboração espontânea que, se for conveniente, será devidamente retribuída.

Composto e impresso por
GRIS, IMPRESSORES, S. A. R. L., Cacém / Portugal.

A PAZ O PRIMEIRO EFEITO DA GRAÇA

MENSAGEM DE PAULO VI PARA O DIA DA PAZ

«A todos os homens de boa vontade, a todos aqueles sobre quem pesa a responsabilidade do curso da história, no presente e no futuro;

por conseguinte, aos Guias da política da opinião pública, da orientação social, da cultura e das escolas;

a toda a juventude que se rebela, na ânsia de uma renovação mundial,

com um brado humilde e livre, que parte do deserto de todo e qualquer interesse terreno,

nós queremos, uma vez mais, anunciar a implorante e solene palavra: Paz!

A PAZ É UM DEVER

A Paz está hoje intrinsecamente ligada ao reconhecimento ideal e à instauração efectiva dos Direitos do Homem. A estes direitos fundamentais corresponde também um dever fundamental, que é exactamente a Paz.

A Paz é um dever.

Tudo o que o Mundo contemporâneo está a comentar, dia a dia — sobre o desenvolvimento das relações internacionais, sobre a interdependência de interesses dos povos, sobre o acesso dos novos Estados à liberdade e à independência sobre os esforços que a civilização está a envidar para atingir uma organização jurídica unitária universal, sobre os perigos de catástrofes incalculáveis, na eventualidade de novos conflitos armados, sobre a psicologia do homem moderno, desejoso de uma prosperidade serena e de relações humanas universais, sobre o progresso do ecumenismo e do respeito mútuo das liberdades pessoais e sociais — tudo isto nos persuade de que a Paz é um bem supremo da vida do homem sobre a Terra, um interesse de primeira ordem, uma aspiração comum, um ideal digno da humanidade, senhora de si e do Mundo, uma necessidade para manter as conquistas já alcançadas e para conseguir ainda outras, uma lei fundamental para a circulação do pensamento, da cultura, da economia e da arte, e uma exigência insuprível na visão dos destinos humanos. Porque a Paz é a segurança, a Paz é a ordem.

Sim, é uma ordem justa e dinâmica, digamos, que se deve construir continuamente. Sem a Paz

não há confiança e sem confiança não há progresso; mas, uma confiança, devemos acrescentar, radicada na justiça e na lealdade. Com efeito, só no clima da Paz se afirma o direito, progride a justiça e respira a liberdade. Sendo assim, se tal é o sentido da Paz, se este é o valor da Paz, a Paz é um dever.

É o dever da história presente. Quem souber reflectir nos ensinamentos que a história passada nos proporciona acabará bem depressa por declarar absurdo o retorno às guerras, às lutas, aos morticínios, às ruínas geradas pela psicologia das armas e das forças contrastantes, que leva à morte de homens, cidadãos da terra, pátria comum da nossa vida no tempo. Quem possuir o sentido do homem não pode deixar de ser um fautor da Paz. Quem meditar sobre as causas dos conflitos entre os homens deve reconhecer que elas existem lacunas do espírito humano, a não existência das virtudes autênticas para a sua grandeza moral.

É A RAZÃO, NÃO A FORÇA, QUE DEVE DECIDIR OS DESTINOS DOS POVOS

A necessidade da guerra poderia ter uma justificação só em condições excepcionais e deprecáveis de facto e de direito, as quais não deveriam doravante verificar-se na sociedade mundial moderna. É a razão, não a força, que deve decidir os destinos dos povos. O entendimento, as negociações, a arbitragem é que devem intercorrer nas relações difíceis entre os homens; não o ultraje, o sangue, ou a escravidão. E também não é uma tréguia precária, um equilíbrio instável, um terror das represálias e da vingança, uma violência coroada de êxito, uma prepotência afortunada, o que pode ser garantia de Paz, digna de tal nome. A Paz é necessário querê-la; a Paz é necessário amá-la; a Paz é necessário produzi-la. Ela poderá parecer um sonho; mas, um sonho que se torna realidade, em virtude de uma concepção humana nova e superior.

Um sonho, dizíamos, porque a experiência destes últimos anos e o levantarem-se recentemente conturbadas correntes de pensamento, desviadas no sentido do mal — acerca da contestação radical e anárquica, acerca da violência legítima e necessária em qualquer caso, acerca da política da potência e da dominação, acerca da corrida armamentista e do fazer firmeza nos métodos da insidiosa e do engano, acerca do carácter inelutável das demonstrações de força, etc. — parecem querer sufocar a esperança no ordenamento pacífico do Mundo. Mas esta esperança permanece, porque deve permanecer mesmo. Ela é a luz do progresso e da civilização. O mundo não pode renunciar ao seu sonho de Paz universal. E, por isso mesmo que a Paz está sempre em devir, porque ela é sempre algo de incompleto, porque é sempre frágil, porque está sempre insidiada e porque é sempre difícil, nós a proclamamos como um dever, indeclinável.

A Paz é dever dos responsáveis pela sorte dos povos; é-o igualmente de cada um dos cidadãos do Mundo, por isso mesmo que todos deve mamar a Paz, todos devem contribuir para criar aquela

mentalidade pública, aquela consciência comum que a torna desejável e possível. A Paz deve estar primeiramente nos espíritos, para poder verificar-se depois nos acontecimentos.

UM VOTO, UMA ESPERANÇA E UM COMPROMISSO

Sim, a Paz é um dever universal e perene.

Precisamente para reavivar a lembrança deste axioma da civilização moderna, nós convidamos o mundo a celebrar também para o ano que vai começar — 1969 — o «Dia da Paz», no primeiro do mês de Janeiro próximo. É simultaneamente um voto, uma esperança e um compromisso — a primeira luz do sol do ano novo deve irradiar sobre a Terra também a luz da Paz.

Nós acalentamos a esperança de que, entre todos, sejam os jovens a acolher este convite, como que o chamariz, capaz de interpretar tudo aquilo que de novo, de pujante de vida e de grande se agita nos seus ânimos exacerbados, porque, afinal, a Paz exige a revisão dos abusos e coincide com a causa de justiça.

Este ano, efectivamente, há uma circunstância que favorece para todos a nossa proposta: comemorou-se ainda há pouco o 20.º aniversário da proclamação dos Direitos do Homem. Trata-se de um acontecimento que diz respeito a todos os homens: indivíduos, famílias, grupos, associações e Nações. Ninguém o deve esquecer, a ninguém ele deve passar despercebido, porque a todos ele faz uma interpelação, no sentido fundamental de uma cidadania digna e plena de cada homem sobre a Terra. E próxima deste reconhecimento o título primigénio para a Paz, que constitui exactamente o tema para o «Dia Mundial da Paz», que se enuncia assim: «a promoção dos Direitos do Homem, caminho para a Paz».

Na verdade, para que ao homem seja assegurado o direito à vida, à liberdade, à igualdade, à cultura, a disfrutar dos bens da civilização, à dignidade pessoal e social, é necessária a Paz. Onde quer que esta venha a perder o seu equilíbrio e a sua eficiência, os Direitos do Homem tornam-se precários e ficam comprometidos; onde não há Paz, o direito perde o seu carácter humano. Por outro lado, onde não há respeito, defesa e promoção dos Direitos do Homem — quer dizer, onde se comete violência ou fraude contra as suas liberdades inalienáveis, onde se ignora ou se degrada a sua personalidade, onde se observam discriminações, escravatura e intolerância — aí não pode existir verdadeira Paz. Porque Paz e Direito são reciprocamente causa e efeito entre si: a Paz favorece o Direito e, por sua vez, o Direito favorece a Paz.

Esperemos que estas razões sejam válidas para todas as pessoas, para todos os grupos de pessoas e para todas as Nações; além disso, que a própria importância transcendente da causa da Paz difunda a sua reflexão e promova a sua aplicação.

Paz e Direitos do Homem, eis pois o objecto dos pensamentos com que desejaríamos que os homens inaugurassem o ano que breve vai começar. O nosso

convite é sincero e não esconde qualquer outro fim que não seja o bem da Humanidade. A nossa voz é fraca, mas clara; ela é o apelo de um amigo, que desejaria ver-se atendido, não por causa de quem lança tal apelo, mas sobretudo por causa daquilo que diz.

É ao mundo que a nossa voz se dirige: ao mundo que pensa, ao mundo que pode, ao mundo que cresce, ao mundo que trabalha, ao mundo que sofre e ao mundo que espera.

Oh!, que ela não se perca! A Paz é um dever!

A PAZ É O PRIMEIRO EFEITO DA GRAÇA

A esta nossa mensagem não pode faltar a força que lhe provém do Evangelho, do qual somos ministros, o Evangelho de Cristo.

Como exactamente sucede com o Evangelho, também ela se dirige a quantos se acham espalhados pelo Mundo.

Mas, é mais directamente a vós, venerados Irmãos no Episcopado e Filhos e Fiéis caríssimos da Igreja Católica, que nós repetimos o convite para a celebração do «Dia da Paz»: convite que aliás não é nosso, mas do Senhor, o qual nos quer obreiros da Paz, convencidos e solertes, como condição para sermos do número dos bem-aventurados, assinalados com o nome de filhos de Deus (Cfr. Mt. 5, 9).

A vós, pois, se dirige a nossa exortação particularmente: quereíamos que ela ressoasse como um grito de alerta, porque, para nós que cremos, a Paz assume um significado ainda mais profundo e misterioso; para nós ela atinge valor de plenitude espiritual e de salvação pessoal, além de colectiva e social; a Paz terrestre e temporal, para nós, é reflexo e prelúdio da Paz celeste e eterna.

A Paz para nós, Cristãos, não é somente um equilíbrio exterior, uma ordem jurídica, um conjunto de relações públicas disciplinadas; para nós a Paz é, antes de mais nada, o resultado da actuação dos desígnios de sapiência e de amor, com que Deus quis instaurar relações sobrenaturais com a Humanidade. A Paz é o primeiro efeito desta nova economia, a que nós chamamos a Graça; «Graça e Paz» repete o Apóstolo; é um dom de Deus, que se torna estilo da vida cristã, é uma fase messiânica, que reflecte a sua luz e a sua esperança também sobre a cidade temporal e que fortalece com razões bem mais elevadas aquelas mesmas razões sobre as quais ela assenta a sua Paz.

Na verdade, à dignidade de cidadãos do Mundo a Paz de Cristo acrescenta a de filhos do Pai celeste; à igualdade natural dos homens ela junta a da fraternidade cristã; às desavenças humanas, que sempre comprometem e violam a Paz, aquela Paz de Cristo enfraquece os pretextos, contesta os motivos e aponta-lhes as vantagens de uma ordem moral ideal e superior e revela-lhes ainda a prodigiosa virtude religiosa e civil do perdão generoso; à insuficiência da habilidade humana para criar uma Paz sólida e estável, a Paz de Cristo fornece o auxílio

Continua na pág. 20

A PROMOÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM

CAMINHO PARA A PAZ

Com data de 13 de Dezembro de 1968, os Bispos de Portugal publicaram a seguinte Nota Pastoral sobre o dia da Paz.

1. Em mensagem de 8 de Dezembro do ano passado, dirigida ao mundo católico e a todos os homens de boa vontade, o Papa Paulo VI propôs que o primeiro dia de cada ano fosse especialmente consagrado à Paz. Este **Dia da Paz**, no pensamento do Santo Padre, não deveria ter um carácter exclusivamente religioso ou católico: todos os homens amantes da Paz o deveriam fazer seu. Assim, pela congregação simultânea de toda a espécie de esforços e em toda a extensão da Terra, a causa da Paz alcançaria um novo contributo de particular eficácia.

A mensagem do Papa foi bem acolhida em todo o Mundo, e o primeiro «Dia da Paz» foi celebrado não só nos países católicos mas ainda em muitos outros, mesmo não cristãos. Os Chefes de Estado e os responsáveis das grandes organizações internacionais, em número de várias dezenas, exprimiram ao Papa a sua adesão à iniciativa, e nas suas mensagens de Natal ou de Ano Novo o declararam. Nalguns países o «Dia da Paz» foi oficializado por decreto governamental. Os meios de comunicação social, desde os grandes órgãos de difusão aos mais modestos, fizeram-se eco das intenções e apelos do Papa.

O primeiro «Dia da Paz» teve larga projecção. A ilustrá-lo, a Santa Sé acaba de publicar um bem documentado relatório. Nele figura o nosso país em lugar honroso, com especial referência às palavras do Chefe do Estado na mensagem do Ano Novo, às notas pastorais dos Bispos diocesanos e às celebrações religiosas nas catedrais e igrejas de Portugal.

A PROMOÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM, CAMINHO PARA A PAZ

2. Vai celebrar-se pela segunda vez o «Dia da Paz» no dia 1 de Janeiro próximo. O Santo Padre propõe agora um tema: «A promoção dos direitos do homem, caminho para a Paz». A proposição de um tema favorece uma útil concretização. A sua escolha foi naturalmente determinada pelo facto de ocorrer, este ano, o XX aniversário da «Declaração

Universal dos Direitos do Homem», aprovada na Assembleia Geral da O. N. U., de 10 de Dezembro de 1948. É de recordar que a encíclica «Pacem in Terris» coloca a problemática desta Declaração na lista dos «Sinais dos Tempos», e desenvolve-a de forma que merece ser recordada. São desta encíclica as seguintes palavras:

«No preâmbulo da Declaração proclama-se como ideal, a ser demandado por todos os povos e todas as nações, o efectivo conhecimento e salvaguarda daqueles direitos e das respectivas liberdades. Contra alguns pontos particulares da Declaração foram feitas objecções e reservas fundadas. Não há dúvida, porém, de que o documento assinala um passo importante no caminho para a organização jurídico-política da comunidade mundial. De facto, do modo mais solene, nele se reconhece a dignidade de pessoa a todos os seres humanos; proclama-se como direito fundamental de pessoa o de se mover livremente em busca da verdade, na realização do bem moral e da justiça, afirma-se o direito de uma vida digna, e defendem-se outros direitos conexos com estes.»

ALEGRIA E ESPERANÇA

3. Não basta proclamar os direitos fundamentais da pessoa humana, nem tão-pouco defendê-los em abstracto. Importa — e isso é sem dúvida bem mais difícil — assegurar as condições necessárias ao seu concreto e normal exercício por todos os homens. Todo o verdadeiro progresso social se orienta neste sentido, e com alegria e esperança podemos verificar que nesta caminhada já muito se tem andado. Porém, os avanços e os seus ritmos não são os mesmos por toda a parte. E se os homens não advertem em que o progresso tem de ser caminhada solidária e não competição de rivais, aumentarão as tensões que impedem ou arriscam a Paz. Põem-se aqui todos os problemas do desenvolvimento harmónico dos povos, tão luminosamente expostos na encíclica «Populorum Progressio», que se pode resumir nesta sentença lapidar: «o desenvolvimento é o novo nome da Paz».

A PRIMEIRA CONDIÇÃO

4. O sentido da solidariedade humana — que no cristianismo atinge a sua expressão mais profunda e mais perfeita — é condição primeira da paz. Sem ela os direitos do homem poderiam ter uma afirmação egoísta, mas não conseguiriam aquela verdadeira realização que só a consciência e o cumprimento dos respectivos deveres podem assegurar. Sem ela não haveria o clima de generosidade fraterna que só na felicidade alheia encontra a sua própria. Sem ela não haveria o espírito de pobreza sempre disposto a partilhar com os outros os bens possuídos. E tenha-se bem presente no concreto da vida o que nos diz a sabedoria popular de inspiração cristã: Os bens do espírito — a alegria, a cultura, a virtude, a santidade —, quanto mais alguém os dá aos outros mais se enriquece deles. E os bens materiais, reparti-

-los irrmamente é fonte de felicidade, e até de riqueza. Para o cristão, diz a mesma sabedoria: quem dá aos pobres empresta a Deus; e o Evangelho proclama felizes os pobres, os que têm o espírito de pobreza, pois é deles o Reino dos Céus.

A PAZ, DOM DE DEUS E CONQUISTA DOS HOMENS

5. É ainda do mesmo Evangelho esta sentença de Jesus: felizes os obreiros da Paz, pois hão-de chamar-se filhos de Deus. Trabalhar pela Paz é fonte de felicidade, para si e também para toda a família humana, cuja vocação suprema é tornar-se a família de Deus. A Paz, se é dom de Deus que devemos implorar confiantes na oração individual e colectiva, é também conquista dos homens, fruto do esforço generoso e harmónico de todos eles. Convençamo-nos disto: a Paz depende de nós; e convençamos também disto todos os homens de boa vontade gritando-lhes sem cessar: desejai a Paz, acreditai na Paz, procurai a Paz, trabalhai pela Paz, fazei mais por ela do que tendes feito até aqui: paz nas famílias e entre os homens, Paz na sociedade e entre as classes, Paz no Mundo e entre os povos.

TRÊS PONTOS DE UM PROGRAMA

6. A Igreja Católica, desde o momento embrionário em que o seu Divino Fundador foi anunciado aos pastores de Belém com a celeste mensagem de «glória a Deus nas alturas e Paz na terra aos homens», sempre ela tem procurado dar o seu contributo para a Paz temporal a que todos os homens bons necessariamente aspiram. Tem mesmo lutado e sofrido por ela, quando, por exemplo, afirma a defesa da verdade, a justiça, a liberdade, a fraternidade; quando se põe ao serviço dos pobres, dos doentes, dos desprezados, ou quando vai ao encontro dos povos a levar-lhes, com o Evangelho, os subsídios para a sua promoção humana; quando, pela boca do Papa, proclama os princípios em que devem assentar a convivência pacífica dos povos ou o seu desenvolvimento integral. Mais uma vez, agora, com a iniciativa do «Dia da Paz», ela procura servir a Humanidade pondo ao seu dispor os seus recursos espirituais e os da sua organização e experiência milenária e universal dos povos. E fá-lo especialmente mobilizando todos os seus filhos, numa colaboração aberta a todos os homens de boa vontade, para conseguirem a Paz na Terra em toda a parte, em todos os níveis e em todos os domínios. E traça-lhes um programa concreto, que se pode resumir em três pontos: **1.** Interessar todos os homens pela Paz e pôr os que têm fé a rezar por ela; **2.** Proclamar os princípios basilares da Paz, de que a declaração dos direitos do homem é expressão oportuna; **3.** Promover o desenvolvimento integral e harmónico dos povos.

7. O convite a executar este programa é feito também aos Portugueses, e nós Portugueses, não podemos deixar de lhe responder. A isso nos obriga a condição de cristãos e homens de boa vontade, e não podemos esquecer, como exigências comple-

mentares, a situação de guerra em que nos encontramos e as responsabilidades que pesam sobre nós da rápida promoção dos povos ultramarinos que integram a Nação Portuguesa. Perante essa situação, cumpre-nos aprofundar o sentido verdadeiro da paz; esta não é pacifismo, como diz o Papa, na sua mensagem de 8 de Dezembro do ano passado: «Que a exaltação do ideal da paz não seja entendida como um favorecer a cobardia daqueles que têm medo de dedicar a vida ao serviço da própria pátria e dos próprios irmãos, quando se encontram empenhados na defesa da justiça e da liberdade.» Perante as graves responsabilidades decorrentes de largos sectores territoriais e sociais em curso de promoção, temos de ser unidos, inteligentes e generosos na elaboração e execução dos planos de desenvolvimento das populações de aquém e além-mar, no espírito da encíclica «*Populorum Progressio*».

Os Bispos de Portugal, fazendo-se eco do Santo Padre, apelam para todos os Portugueses de fé e todos os outros de boa vontade, para que se empenhem no esforço comum de que a instituição do «Dia da Paz» é símbolo, estímulo e instrumento.

Confirmam à Comissão Episcopal da Acção Social e Caritativa, recentemente criada, a orientação superior do contributo da Igreja em Portugal para a Paz, nomeadamente através dos trabalhos da «Comissão Justiça e Paz», a criar em breve, e da «Comissão do Dia da Paz», já constituída. E promovem nas suas dioceses, celebrações religiosas pela Paz, no dia primeiro de Janeiro próximo e sua vigília, bem como outras iniciativas de formação e acção que dêem a possível resposta aos problemas da Paz.

Que Nossa Senhora, Padroeira de Portugal e Rainha da Paz, abençoe estas e outras iniciativas, e nos alcance para nós e para o Mundo a tão almejada Paz.

Continuação da pág. 5

do seu optimismo inexaurível; à falsidade da política do prestígio orgulhoso e do interesse material, a Paz de Cristo sugere a política da caridade; à justiça, muitas vezes cobarde e impaciente, que afirma as suas exigências com o furor das armas, a Paz de Cristo infunde a coragem invencível do direito, haurido das razões profundas da natureza humana e do destino transcendente do homem. E, acentue-se ainda, que não é medo da força e da resistência a Paz de Cristo, a qual recebe o seu espírito do sacrifício que redime; não é fraqueza transigente perante as desgraças e as deficiências dos homens, sem sorte e sem defesa, esta Paz de Cristo, pois ela possui a compreensão da dor e das necessidades humanas e sabe encontrar oportunamente amor e dádivas para os pobres, para os fracos, para os deserdados, para os que sofrem, para os que são humilhados e para os vencidos. Por outras palavras: a Paz de Cristo, mais do que qualquer outra fórmula humanitária, é solicitada pelos Direitos do Homem.

É isto, Irmãos e Filhos do Mundo todo, que queríamos que vós vos empenhásseis em lembrar e em anunciar no «Dia da Paz», sob cujo signo se inicia o Ano Novo, em nome de Cristo, Rei da Paz e Defensor por excelência de todo e qualquer autêntico direito humano.

A nossa Bênção Apostólica, para que assim seja! »

Vaticano, 8 de Dezembro de 1968.



NOTÍCIAS DE FÁTIMA

A peregrinação de Dezembro realizou-se sob a marca do Advento. Um dia invernosso obrigou os peregrinos a recolher-se na Basílica para onde foi conduzida a imagem da Capelinha e onde foram celebrados os tradicionais actos litúrgicos e de piedade.

Durante as primeiras horas da manhã foram celebradas várias missas na Capelinha das Aparições. Ai também foi rezado o terço, eram 10 horas, a seguir ao qual se organizou a procissão em direcção à Basílica.

A missa do dia foi celebrada pelo padre Gregório Martinez Almendes, superior da Casa dos Padres Redentoristas de Lisboa.

O celebrante, após a leitura do Evangelho, proferiu uma homilia alusiva ao tempo de preparação para a festa do Natal.

Disse que as Aparições de Nossa Senhora em Fátima constituem como que um novo advento, o advento de Cristo ao século XX. A propósito referiu quais os males que Jesus Cristo vem curar no nosso tempo. Falou dos pecados da actualidade e desceu ao particular, de muito interesse, nos casos de viação. Muitos pecados podem cometer os condutores, pecados que os automobilistas cristãos devem evitar. Frisou alguns que são por vezes, pecados graves, outros que o são sempre, como no caso em que um condutor foge depois de ter atropelado alguém ou de ter chocado. Mesmo que, de facto, não tenha morrido ninguém ou ninguém se tenha ferido grave-

PEREGRINAÇÃO DE DEZEMBRO

mente, não fica ilibado de culpa o automobilista causador ou participante do acidente e que se pôs em fuga. Leva na sua consciência o peso da culpa, de uma culpa grave.

Nossa Senhora, prosseguiu, veio dispor os homens da nossa era para receberem, no seu coração, Jesus Seu Filho. A pregação da Virgem Maria é semelhante à pregação dos antigos profetas ou de João Baptista: «preparai o caminho do Senhor... Arrepidei-vos dos vossos pecados... O Senhor está perto». A nós cumpre-nos escutar e realizar a Sua mensagem de penitência e oração se queremos que para nós o Natal de Jesus seja Natal de graça e salvação na nossa alma.

Proseguiu a missa que foi acompanhada a cânticos de muita piedade pelas empregadas domésticas do Santuário sob a regência do padre Manuel Pereira, tendo ao órgão o distinto organista da Basílica, padre dr. António de Oliveira Gregório. As cerimónias litúrgicas foram dirigidas pelo reitor do Santuário Mons. Antunes Borges e padre Manuel dos Santos Craveiro, assistente da Pia União de Servitas de Nossa Senhora. A hora da Comunhão foram muitos os fiéis que se abeiraram da Sagrada Mesa.

Terminada a missa foi renovada a consagração ao Imaculado Cora-

ção de Maria. Foi o senhor Bispo de Leiria quem a recitou e quem deu a bênção, com o Santíssimo Sacramento, aos doentes.

Dom João Pereira Venâncio, que presidiu a todas as cerimónias da peregrinação, antes de os peregrinos dispersarem dirigiu-lhes uma palavra que foi um angustiado apelo à obediência ao Papa e à oração pelo Sumo Pontífice. Recordando a frase muitas vezes repetida por Jacinta — «Coitadinho do Santo Padre! Tenho muita pena do Santo Padre» — disse estarmos a viver uma hora que realiza a profecia da vidente. O Papa está a sofrer horivelmente a incompreensão de muitos fiéis e até de alguns membros da hierarquia. E disse aos peregrinos: «Permaneçei unidos ao Santo Padre e permaneceréis unidos à Igreja, unidos a Cristo. Ainda que todos os padres, todos os bispos e todos os cardeais falhem na fé e o Papa fique, por hipótese quase impossível, sózinho, é com ele que está a Igreja e a Igreja tem a promessa de Cristo de que nunca perecerá. Rezai, rezai muito pelo Papa.»

O senhor Bispo de Leiria rezou, depois, por várias intenções, por todos os peregrinos e pela Paz.

Devido ao estado do tempo não foi possível reconduzir processionalmente à sua Capelinha a imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Aspectos da Peregrinação de Dezembro: bênção dos doentes e procissão do «Adeus».



CENTRO INTERNACIONAL FAMILIAR

Com a bênção do Prelado de Leiria, Dom João Pereira Venâncio, fundou-se em Fátima o Centro Internacional Familiar. Propõe-se este centro promover, em todo o Mundo, uma acção enérgica para defesa da família em todos os campos.

Nos dias 7 e 8 de Dezembro de 1968 reuniram-se na **Domus Pacis**, sede internacional do Exército Azul, várias personalidades portuguesas e francesas para um primeiro dia de oração e de estudo. No dia 7 fizeram a sua consagração ao Imaculado Coração de Maria, na capela das Aparições, após a missa celebrada pelo senhor Bispo de Leiria e durante a qual todos receberam a Comunhão. O centro tem sede na Casa da Visitação, na Cova da Iria, e vai, dentro em breve, iniciar as suas actividades.

Durante a missa, o senhor Dom João pregou a homilia que publicamos a seguir.

É com o maior prazer e com suma alegria, que venho aqui hoje tomar parte nos vossos trabalhos. Dizem-me que se trata de estruturar a organização, abrir o caminho, iniciar a marcha e concretizar o fim e o ideal de um Centro Internacional Familiar.

E eu venho, com a Santa Missa e com a minha humilde presença, trazer-vos uma bênção para os vossos trabalhos. Não poderia encontrar melhor prenda nem de maior valor e mais oportunidade para vos oferecer.

Aprovação, como coisa de carácter universal, internacional, não tenho poder para vo-la dar. Isso pertence ao responsável Supremo da Igreja, ao Papa.

Mas posso animar-vos e incitar-vos a que, de acordo com a Santa Igreja e com o espírito de leal colaboração, e de plena e total adesão ao Papa e à hierarquia em união com o Papa, continueis nesta arrancada generosa.

A minha bênção, essa dou-vo-la de todo o coração, sem hesitar. E, na Santa Missa que estamos a celebrar, vou pôr sobre este altar a prece ardente e os votos sinceros por que o vosso trabalho irradiie, frutifique e perdure.

Não lhe faltarão dificuldades, oposições e desprezos. É próprio das obras de Deus. Mas não há dúvida de que, por vós, se vai realizar no

Mundo, a par de outras já a trabalhar no mesmo campo, uma das mais úteis e das mais prementes obras de apostolado.

Que instituição natural há aí mais importante que a família?

E que outra será mais atacada? Digam o que disserem escolas pseudo-científicas, ela é de instituição divina e não mero efeito de atracção dos sexos ou evolução natural do homem de um estado de vida gregária para a união estável e duradoura até à forma de que hoje a família se reveste, ao menos nos países e nas sociedades civilizadas.

Tudo, pois, o que em prol da família se fizer, merece as nossas bênçãos e o nosso apoio. A família é o centro donde dimana a vida e o meio pelo qual o homem, detentor da vida, colabora com o Criador e dá cumprimento ao preceito do Génesis: «Crescei e multiplicai-vos e enchei a Terra.» O homem leva através da vida o sinal indelével da família em que nasceu. Daí a necessidade de se elevar e aperfeiçoar a vida íntima e a actuação social desta célula vital da sociedade civil.

Que coisa mais nobre do que, no seguimento da doutrina da Igreja e do ensinamento dos Papas, sobretudo nalgumas das mais notáveis encíclicas dos últimos tempos, cerrar fileiras à volta da família para a ajudar a cumprir mais fácil e mais perfeitamente a missão essencial em que a Providência Divina a investiu?

Ide confiantes a santos e audazes cometimentos para ajudar positivamente a família e para a defender onde quer que ela for maltratada. Não vos faltarão ensejos para isso.

É-me grato, ainda, e muito — porque não dizê-lo? — que seja Fátima o local escolhido para instalar as bases do Centro Internacional Familiar, e que estas reuniões se efectuem precisamente neste Santuário bendito. Vejo até neste facto uma garantia de perenidade. O Senhor Dom José, meu venerando predecessor e grande figura da Santa Igreja em Portugal, primeiro Bispo desta Diocese restaurada, o «Bispo de Nossa Senhora», como era conhecido, afirmava sem reboço «Obra que começa em Fátima triunfa!»

Não tenhais medo do carácter internacional! ... Não há nisso nada de perigoso ou de subversivo. Pois não é a Santa Igreja, de origem e instituição divinas, também ela católica e por isso de âmbito essencialmente internacional, universal?

Se para combaterem esta obra divina, os seus inimigos se unem e dão as mãos, porque, com mais forte razão, se não hão-de unir, sem fronteiras, todos os amigos da família?

Não v.s falta a bênção prévia dos Sumos Pontífices cujos nomes e doutrina nestes dias vindes recordar e pôr em melhor luz para seguir na pegada dos seus apelos, ensinamentos e exortações.

Mas não poderia, de forma alguma deixar de sublinhar a voluntária decisão de fazer coincidir estes trabalhos com a festa da nossa Imaculada Padroeira e o facto de isso se dar aqui, neste Santuário, em cuja terra sagrada os videntes tiveram a dita de ouvir o primeiro apelo ao amor e à defesa da família.

Arvevo-me até a dizer que, se não fora em Roma ou em Nazaré, em nenhuma outra parte do Mundo poderia com tanta razão ficar instalado o centro desta esperançosa acção apostólica de defesa da família.

Pois não vos lembrais de que misteriosamente a 13 de Outubro de 1917, na célebre e última aparição, os videntes puderam contemplar, em quadro simultaneamente singelo e maravilhoso, toda a Sagrada Família? A que viria semelhante visão? O que pretendia?

A mais de cinquenta anos de distância, mas ainda no rescaldo das comemorações cinquentenárias, surge este centro e vindes vós, com a vossa presença, o vosso trabalho de pioneiros e a vossa oração, dar-lhe vida e imprimir-lhe o ritmo de um movimento salvador e redentor.

Que maior consolação para vós e para mim do que ver-vos enquadrados na multiforme mensagem de Nossa Senhora e inseridos no mais puro movimento de Fátima?

Deixo-vos na deliciosa contemplação deste facto a saborear em cheio a consolação infável de estardes, como os videntes, a ouvir a mensagem da Senhora e a encetar generosamente o heróico cumprimento do trabalho que Ela vos convida a realizar.

A brevidade que me propus nestas palavras não me permite esboçar, nem sequer a traços largos, o que poderia vir a ser o programa presente e futuro dos vossos trabalhos. Aliás não seria preciso. Estamos em face do primeiro acto de um promissor movimento que vem alinhar com tantos outros que militam no vasto campo da família. Nada do que lhe interessa vos poderá ser estranho. Permitti, no entanto, que vos lembre dois pontos que me parecem revestir-se de indiscutível actualidade e permanência. Penso que deveis dar à campanha da oração em Família, nomeadamente do Terço do Rosário, e à salvaguarda e intensificação no

mundo de hoje de culto e devoção a Nossa Senhora, através da família cristã, o melhor do vosso esforço.

Que Nossa Senhora de Fátima, a quem amanhã vos ireis consagrar e às vossas famílias e a este Centro Internacional Familiar — que a Mãe do Céu, digo, Se digne abençoar as vossas intenções, o vosso amoroso ardor apostólico e a empresa formosíssima a que ides meter ombros. E que, com essa bênção, a nossa celestial Protectora se digne engrossar as vossas fileiras, suscitando os Apóstolos de que a Igreja e a Família nesta hora tanto carecem.

Que o Divino Espírito Santo, dador de todos os bens, vos encha da Sua graça, vos ilumine a inteligência e fortaleça a vontade! Amém!

A OBRA DAS GAITAS NA COVA DA IRIA

No dia 7 de Dezembro, na Casa do Coração de Maria, à Rua de S. Vicente de Paulo, na Cova da Iria, comemorou o seu 5.º aniversário a obra de protecção às crianças abandonadas intitulada «Obra das Gaiatas». A instituição abriga e protege, actualmente, 15 crianças. O senhor Bispo de Leiria assistiu a uma pequena festa oferecida pelas crianças, aproveitando a oportunidade para abençoar e estimular aquela obra de caridade tão dentro do espírito da Mensagem de Fátima.

NÚNCIO APOSTÓLICO NA ARGENTINA

No dia 22 de Novembro do ano passado esteve no Santuário o Núncio Apostólico na Argentina, Mons. Humberto Mozzoni. O ilustre Prelado diplomata celebrou missa na Capelinha das Aparições.

Mons. Mozzoni, que era acompanhado pelo comendador Amadeu Gaudêncio, escreveu no livro de honra as seguintes palavras: «Voltar a Fátima, aos pés da Virgem, é viver a serenidade do Céu. É sentir a vivência dos valores espirituais da Igreja.» Recordamos que Mons. Humberto exerceu, há anos, o cargo de Auditor da Nunciatura Apostólica em Lisboa.

BISPO CONGOLÊS

Ainda no passado mês de Novembro celebrou missa na Capela das Aparições Mons. Augustin Fataki, Arcebispo de Kinsangani, na República Democrática do Congo. Acompanhava o senhor Arcebispo o padre Janssem, superior provincial dos Padres do Coração de Maria.



Dois aspectos da inauguração da estátua de Nossa Senhora de Fátima na sua freguesia, no encerramento da Missão.

APOSTOLADO DOS MORIBUNDOS

Nossa Senhora, quando mostrou o Inferno aos pastorinhos, disse-lhes: «Vistes o Inferno para onde vão as almas dos pobres pecadores.» Palavras da Virgem Maria em Fátima são também estas: «Muitas almas vão para o Inferno por não haver quem se sacrifique e reze por elas.»

A obra de que se dá notícia nesta carta pastoral do Cardeal Seper, de Zagreb, enquadra-se perfeitamente dentro do espírito de Fátima. Por isso a publicamos e pedimos a atenção dos nossos leitores para o seu conteúdo.

Queridos irmãos no sacerdócio e queridos fiéis

Todo o segundo capítulo da Constituição Conciliar sobre a Igreja *Lumen Gentium* fala da Igreja como do Povo de Deus que caminha através do tempo, que vai em peregrinação para a plenitude do amor e da vida na eternidade.

Assim é o novo Israel que avança no século presente em busca da cidade futura, que é permanente. Esperamos com fé firme o cumprimento da «feliz esperança da aparição gloriosa do grande Deus e Salvador nosso, Jesus Cristo» (Tit. 2, 13) o qual «transformará o nosso corpo miserável, tornando-o conforme ao Seu corpo glorioso» (Fil. 3, 21) e virá «para ser glorificado nos seus santos e admirado no meio de todos os que tiverem acreditado» (2 Tes 1, 10) L. G. 48.

Em Jesus Cristo e por Jesus Cristo, a esta «feliz esperança» são convidados todos os homens, toda a família humana, pois «Deus quer que todos os homens sejam salvos» (1 Tim 2, 4). Cada homem, cada criatura resgatada é convidada à herança eterna; é na vida terrestre através das variações do tempo que passa que inevitavelmente ela se aproxima das portas da morte que é a entrada na eternidade. A doutrina cristã ensina-nos que a última realidade da vida eterna é dupla, consoante o homem morre em estado de graça ou em estado de pecado. «Iráo estes para o suplício eterno e os justos para a vida eterna» (Mt. 25, 46).

É uma das principais verdades da nossa fé. Contém uma bela esperança «para aqueles que amam a Deus» (1 Cor 2, 9), mas, ao mesmo tempo, anuncia, muito seriamente, a indizível desgraça daqueles que deixam este Mundo com a revolta do pecado na alma. Durante toda a sua vida, o homem, pelo seu comportamento dirige-se, com efeito, para a beatitude ou para a maldição, praticando o bem ou o mal. Quando, conscientemente, pratica o mal, caminha deliberadamente para o Inferno; mas «Deus que é rico de misericórdia devido ao grande amor que nos consagrou» (Ef. 2, 4), dá ao pecador a graça e tempo para se arrepender e obter o perdão. No momento da morte, o homem pode ainda reconciliar-se com Deus se corresponde à graça; tem ainda tempo de se decidir pela sua salvação ou pela sua perda; depois da morte já não pode haver mudança. Esta última decisão no momento da morte pode abrir as

portas do Céu ou as do Inferno. O ladrão arrependido ouviu no momento da morte as palavras de Jesus: «Hoje estarás comigo no Paraíso» (Lc. 23, 43).

Quanto mais entramos na teologia da morte e no mistério da eternidade, com tanta mais força descobrimos a grande importância dos últimos instantes da viagem, esses instantes a que chamamos agonia; é então que Jesus Cristo está mais junto do homem como Salvador, no desejo de oferecer a essa alma a salvação que Ele pagou com o Seu «precioso sangue» (1 Pet. 1, 19). «Eu estou à porta e bato; se alguém, ouvindo a minha voz, me abrir a porta, entrarei em sua casa e cearemos os dois, lado a lado» (Apoc. 3, 30). Se a alma no momento da morte se separa do amor a Deus, encontra o seu Senhor e Juiz e por uma decisão inelutável mergulha a sua existência na desgraça absoluta.

Todos os dias, 200 000 seres humanos deixam o Mundo e esse imenso rio desemboca na eternidade. Todos os dias, cerca de 200 000 membros da família humana passam por este último momento, e numa escolha definitiva, a que Deus está presente e de que o demónio não está longe tomam uma decisão para sempre. É certo que muitos estão preparados pelo arrependimento, no decurso de uma longa ou breve doença, e no amor vão tranquila e serenamente ao encontro da «feliz esperança». Numerosos também aqueles que, por uma vida de fidelidade, se preparam para o encontro infinitamente feliz do face a face com Deus, cuja incomparável beleza será a sua eterna luz, e o seu amor, fonte de novas alegrias. Ainda que muitos tenham de passar pelo Purgatório, está-lhes contudo assegurada a posse da Jerusalém celeste.

Numerosos são igualmente aqueles que, às portas da morte, não se encontram preparados. Quantas vidas acabam numa morte súbita ou em acidentes mortais? Quantos sem compreender que a doença lhes pode dar o ensejo de se purificarem das suas faltas e recusam teimosamente à reconciliação? Todos estes moribundos se encontram no maior perigo em face da eternidade que talvez seja para eles a separação definitiva de Deus; quer isto dizer que eternamente beberão a tristeza sem limite e o desespero sem fim. Estes que mergulham no ódio rangem os dentes: «são fontes sem água, nuvens agitadas pela tempestade. A eles é reservada a escuridão das trevas profundas» (II Pet. 2, 17).

Em união com Jesus Cristo que nos amou e se entregou por nós (Gál. 2, 20), pela nossa oração e os nossos sacrifícios, podemos participar na salvação dos moribundos e obter-lhes nesses últimos momentos, a graça poderosa que assegura a vitória de Deus nas suas almas. Somente no outro mundo serão revelados os segredos da infinita misericórdia; então veremos quantas almas se salvarão para a vida eterna graças às nossas orações e súplicas.

Esta breve meditação deveria convencer-nos sobre quanto é necessário desenvolver de cada vez mais este apostolado a favor dos moribundos, pois que encontrando-se na perspectiva da eternidade, têm muitíssima necessidade do nosso auxílio e das nossas orações. Pode ser que esta forma de apostolado esteja bastante posta de parte. Mas actualmente desenvolve-se na Igreja um movimento para o auxílio espiritual aos moribundos. Este apostolado animado com a bênção do Santo Padre está a cargo da Con-

gregação Contemplativa das Religiosas do Coração Agonizante de Jesus, com a Casa-Mãe em Bruxelas, 15.

O decreto da Sagrada Penitenciaria (AA. 1961, pág. 56, de 21-X-1960) informa todos os fiéis de que têm a possibilidade de aplicar a todos os moribundos os méritos imensos do Sacrifício da Cruz que incessantemente se renova sobre os altares do Mundo inteiro. Neste decreto, menciona-se que o Papa João XXIII concedeu o perdão parcial a quem assista piedosamente à Missa pelas intenções dos moribundos; uma vez por mês, o perdão completo nas condições habituais se se faz esta oferenda todos os dias durante um mês.

Cerca de 150 cardeais, arcebispos e bispos, pertencentes a 45 países dos cinco continentes, já adoptaram este apostolado pelos moribundos, consagrando o mês de Fevereiro a orações especiais a favor dos moribundos. No princípio deste mês, benzem-se as velas que os fiéis conservam habitualmente com comovedora veneração para as pôr nas mãos dos seus parentes prestes a morrer. Com que particular desejo o saudoso Cardeal Stépinac pedia com instância que lhe puzessem na mão essa vela benta, como símbolo de fé e de esperança.

As exortações aos fiéis e as orações em comum pelos moribundos durante o mês de Fevereiro têm por fim, e como sentido particular, criar nos cristãos uma disposição a interessar-se por esta obra de apostolado a favor dos moribundos. Paulo VI, em Outubro de 1965, numa audiência, dizia ao presidente da Obra de Auxílio aos Moribundos do Canadá: «Deveria considerar-se a oração quotidiana pelos moribundos como um dever pessoal; o oferecimento habitual dos méritos da Missa pode assegurar a salvação de muitas almas.»

Considero como muito necessário e útil que na nossa Arquidiocese, os sacerdotes e os fiéis se unam nesta obra de misericórdia espiritual. Por isso, proclamo na nossa Arquidiocese o mês de Fevereiro, agora e para o futuro, mês consagrado ao apostolado a favor dos moribundos.

Este apostolado adquire a sua completa justificação e é estimulado pelo espírito do Concílio que nos convida a todos a colaborar com Jesus Cristo na salvação de todos os homens, nossos irmãos. Recomendemos sobretudo ao Coração de Jesus os moribundos, pois por este Coração passou toda a angústia da nossa morte. Recomendêmo-los também à Mãe de Deus, Ela que assistiu à morte de Seu Filho, que esteja igualmente presente no momento da morte de Seus filhos como a mais poderosa Protectora e Mãe.

A participação nesta grande obra enriquecer-nos-á e nos obterá numerosas graças no momento da nossa morte. Não sabemos se este momento está perto ou longe, mas o Salvador a todos nos adverte: «Vigiai pois, porque não sabeis em que dia virá o vosso Senhor.» (Mat. 24, 42).

A todos vos abençoo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Zagreb, 18 de Janeiro de 1968.

Frajo, Cardeal Seper, M. P.
Arcebispo

DUAS OBRAS QUE DERAM
A VOLTA AO MUNDO
JÁ AS CONHECE ?

PAULO VI EM FÁTIMA



Está à venda, o artístico album comemorativo da Peregrinação de Paulo VI a Fátima, edição da Comissão Central do Cinquentenário.

Dirija os seus pedidos à referida Comissão, Fátima, ou à Administração de "FÁTIMA-50", Fátima.

Esta publicada la edición castellana de este magnífico album conmemorativo de la peregrinación de Su Santidad Paulo VI a Fátima. Puede requisitar los ejemplares que desee a la Administración de "FÁTIMA-50", Fátima - Portugal

DESCEU DO CÉU NUM RAI DE LUZ

Um disco «Alvorada» — 33 r/m
Peça da autoria de Alice Ogando, interpretada, entre outros, por: Eunice Muñoz, Mariana Rey Monteiro, Carmen Dolores, Cecília Guimarães, Armando Cortez, João Perry, Assis Pacheco, Alvaro Benamor, etc.
— Cópias em português, inglês e francês.
— À venda nos estabelecimentos do Santuário de Fátima.

LA BELLE DAME VETUE DE LUMIERE

Une pièce basée sur les Apparitions de Fátima par Alice Ogando
Un disque «ALVORADA - International», 33 1/3 r/m
En vente aux magasins du Sanctuaire.

THE LADY CLOTHED IN LIGHT

A play based on the Apparitions in Fátima by Alice Ogando.
L P «ALVORADA - International».
On sale at the shops of the Sanctuary.



Baixo-relevo do respectivo altar na Basílica de Fátima

O ROSÁRIO PELA BÍBLIA

Oliveira Figueiredo

A CAMINHO DO CALVÁRIO

CONDENAÇÃO À MORTE

«Então entregou-O a eles para que fosse crucificado (Jo. 19, 16) ⁽¹⁾. E apoderando-se de Jesus (Jo. 19, 16) «despojaram-n'O da púrpura e vestiram-Lhe as suas próprias vestes» (Mar. 15, 20) e levando às costas a Sua Cruz ⁽²⁾ saiu para o lugar chamado Crâneo, que em hebraico se diz Gólgota» (Jo. 19, 17) (Calvário). ⁽³⁾

SIMÃO O CIRENEU E AS PIEDOSAS MULHERES

«E requisitaram ⁽⁴⁾ um homem que por ali passava, um tal Simão de Cirene, que vinha do campo, o pai de Alexandre e de Rufo, (Mar. 15, 21) e puseram-lhe aos ombros a cruz para que a levasse atrás de Jesus» (Luc. 23, 26).

«Seguia-O uma grande multidão de povo e de mulheres, as quais O choravam e lamentavam ⁽⁵⁾. Voltando-se para elas, Jesus disse-lhes: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, mas choraí antes por vós e pelos vossos filhos. Porque olhai, hão-de chegar os dias em que dirão: Ditosas as estéréis e os ventres que não geraram e os peitos que não criaram! Então começarão a dizer aos montes: «Cai sobre nós», e às colinas «sepultai-nos». (Os. 10, 8). Se ao madeiro verde isto fazem, o que não se fará ao seco?»

Eram também conduzidos, outros dois, malfeteiros, para serem justiciados com Ele». (Luc. 23, 27-32)

MEDITAÇÃO DO MISTÉRIO

A vida humana é um peregrinar contínuo, longo e pesado. Para o alto, para o alto, pela colina escarpada, pelo caminho a todos indicado. Neste mistério Cristo representa o género humano. Ah! Se não houvesse uma cruz para cada um! O homem ver-se-ia tentado pelo egoísmo, pelo hedonismo, pela insensibilidade, e sucumbiria.

O fruto que provém da contemplação de Jesus que sobe ao

Calvário, é o de acolher e beijar a cruz levando-a com generosidade e alegria segundo as palavras da Imitação de Cristo: «Na cruz está a salvação, na cruz está a vida, na cruz está a protecção contra os inimigos, a efusão de uma Celestial suavidade» (Lib. II, cap. XII, 2). Estendei também a oração à Mãe Dolorosa que acompanhou Jesus com espírito de participação nos Seus méritos e nas Suas dores.

A intenção abre diante dos olhos a imensa visão dos atribulados, órfãos, velhos, doentes, missionários, fracos, exilados, pedindo para todos força e consolação que só a esperança dá: «Salve ó Cruz, única esperança!» (Hinn. ad Vesp. Dom. I Pass.)

S.S. João XXIII

COMENTARIO

I — A CRUZ DE NOSSO SENHOR

A cruz é um dos mais antigos patibulos.

Primeiramente consistiu num único pau fixo na terra. Depois aparecem três géneros de cruces: a «immissa» ou «capitata», portanto com uma cabeça; a «commissa», sem cabeça, em forma de T; a «decussata», em forma de X.

Todas estavam em uso no tempo de Cristo, mas a que oferece mais argumentos em seu favor de ter sido a de Jesus, é a primeira das três, a qual deixava um espaço para afixar a sentença sobre a sua cabeça (Mat. 27, 37; Luc. 23, 38). Santo Ireneu (Adv. Haer. 2, 24, 4) testemunha esta mesma versão.

Em Roma o criminoso costumava levar unicamente, amarrado às costas, o «patibulum» ou seja a travessa da cruz. Tertuliano, contudo, que conhecia bem as circunstâncias da crucificação (Adv. Iud. 10) diz Jesus Cristo levou a cruz «sobre o ombro» o que significa que levou a cruz inteira, pois o «patibulum» era amarrado às costas, como vimos acima.

Havia duas medidas gerais de cruz: a «sublimis», alta, e a «humilis», baixa, segundo o qual o réu ficava com os pés rentes à terra ou elevados dela. A de Nosso Senhor devia medir uns 4,50 metros de altura e 2,50 de largura.

Os condenados umas vezes eram amarrados à cruz, outras pregados à mesma. Jesus foi pregado na Cruz.

Era o mais cruel e terrível dos suplícios e além disso um suplício infame reservado aos mais ignóbeis criminosos e, decerto, unicamente aos homens considerados de segunda categoria, os escravos.

Levando a Sua cruz às costas saiu Cristo da Torre Antónia para o Calvário. Não percorreria mais de meio quilómetro, mas sofreria as torturas de uma longa caminhada, a caminhada difícil de todos os homens, através das suas misérias e pecados, marcados pelo ferrete da ira e condenação divinas, para a salvação que desceria do alto da Cruz. «Quando for levantado da terra atrairei a mim todos os homens» (Jo. 12, 32).

Cordeiro de Deus, inocente, tomara sobre os Seus ombros o pecado do mundo (João 1, 29) para satisfazer por ele.

Levava vestida a sua própria roupa (Mar. 15, 20) condescendência dos romanos para com o pudor natural dos judeus, porque entre eles o condenado ia nú. «Levava um manto salpicado de sangue». (Apoc. 19, 15)

Pendurada ao pescoço ou transportada por alguém, à Sua frente, uma tabuinha com a causa da condenação escrita. No caso de Jesus a que já conhecemos, da autoria de Pilatos: Jesus Nazareno Rei dos Judeus.

II — O CIRENEU

Os soldados notaram a dificuldade enorme que Cristo sentia em caminhar, o que não admira depois dos maus tratos

sofridos anteriormente, e requisitaram o serviço de um homem casualmente de passagem naquela altura, pois vinha do campo, do seu trabalho. Marcos menciona os nomes dos filhos de Simão de Cirene, por serem decerto conhecidos dos cristãos de Roma a quem é dirigido o segundo Evangelho. Ou porque não pudesse recusar os seus serviços ou porque aceitou de bom grado, compadecido de Jesus, levar-Lhe a cruz, o certo é que não hesitou um só instante e foi o companheiro de Cristo na via dolorosa.

Quando Jesus convidou um certo jovem para Seu discípulo, o tal respondeu-Lhe: «Vou contigo, Senhor, mas antes deixa-me ir a casa despedir-me dos meus» (Luc. 9, 61-62).

O Divino Mestre responde-lhe que é uma temeridade recusar os Seus convites ainda que seja por algum tempo apenas, pois quem deita a mão ao arado e volta atrás não é apto para o Reino de Deus» (Ib.).

A atitude de Simão é diferente: vem cansado do trabalho, sujo talvez, faminto, mas não pensa em ir a casa, primeiro, quando lhe aparece esta oportunidade única de levar a cruz de Cristo.

O que sucederia se o tivesse recusado? Pensemos no remorso que ensombriaria toda a sua vida, depois da morte e ressurreição do Senhor, ao pensar que poderia ter sido ele o seu amigo, aquele que Jesus procurava ansiosamente com as palavras do Salmista «Olho para a direita a ver, e não há quem cuide de mim; não tenho por onde escapar-me e não há quem olhe pela minha vida». (Sal. 141, 5)

III — AS PIEDOSAS MULHERES

As mulheres de Jerusalém, são provavelmente aquelas caritativas mulheres judias que a si próprias se impunham a obrigação de prestar assistência aos criminosos condenados à morte. O Talmude diz que um dos cuidados destas piedosas mulheres era ministrar aos agonizantes uma beveragem de vinho mirrado (Mar. 15, 23).

Com elas estariam decerto as mulheres que vamos encontrar junto da Cruz de Nosso Senhor e, entre todas, principalmente, Maria Sua Mãe.

A parábola que Jesus emprega ao falar-lhes, é, talvez, uma reminiscência de Ezeq. 20, 47. A justiça divina descarrega-se sobre um inocente, agora, mas como será ela feita quando chegar a vez dos culpados?

Mas a palavra vai directamente contra Jerusalém, anunciando-lhe o castigo divino que sobre ela cairá por via do crime que está a cometer.

Lugar paralelo é o de Lucas, 10, 13-15, em que Jesus ameaça Corozaim e Betsaida por não terem dado ouvidos às Suas palavras. (Cf. ainda Luc. 19, 41-44).

Aliás a advertência dirige-se a todos nós, pois «o machado está já direito à raiz das árvores. A árvore que não der bom fruto será cortada e lançada ao fogo». (Mat. 3, 10).

«Oxalá ouçamos a voz de Deus que hoje nos avisa, não endurecendo os nossos corações» (Sal. 94, 7-8).

IV — OS DISCÍPULOS E O MESTRE

«Ele suportou os nossos sofrimentos e carregou sobre si as nossas dores enquanto nós pensávamos que era açoitado, ferido e abatido por Deus». (Is. 53, 4)

«Levou os nossos pecados no Seu próprio corpo sobre a cruz, para que, mortos ao pecado, vivamos para a justiça» (1 Petr. 2, 24).

Ora, não é o servo mais que o seu senhor (Cf. João, 13, 16) e não pode ser discípulo de Cristo quem O não seguir, renunciando-se a si mesmo, tomando a cruz de cada dia e acompanhando-O, porque quem pretender salvar a vida perdê-la-á, e quem a perder por Sua causa salvá-la-á. (Luc. 9, 23-24)

«Por isso, irmãos, diz São Paulo, levai as cargas uns dos outros e deste modo cumprireis a lei de Cristo. «Gál. 6, 2)

ORAÇÃO

Vai ser suspenso na Cruz o que sustentou a terra sobre as águas; foi coroado de espinhos o Rei dos Anjos e vestido de falsa púrpura o que os céus veste de nuvens; é esbofetado quem no Jordão a Adão devolveu a liberdade; o Esposo da Igreja vai ser preso com cravos; o Filho da Virgem será trespassado por uma lança. Adoramos, ó Cristo, os Teus padecimentos; mostra-nos a Tua gloriosa ressurreição.

Por minha causa foste crucificado, para que como de uma fonte derramasses sobre mim o Teu perdão; foste trespassado no Coração para me abrires o manancial da vida; foste pregado com cravos para que, confessando a excelência do Teu poder desde as profundezas das Tuas dores, eleve a minha voz e Te diga: Senhor da vida, Cristo, glória à Tua cruz, à Tua paixão, ó Salvador».

(Oração antiga ao Divino Crucificado)

(1) Segundo a forma legal, a sentença devia ser lida. Uma das formas ordinárias de sentença era: «ibis ad crucem» — irás à cruz. Mas, como noutras alturas, também aqui se passou sobre a lei e Jesus foi muito simplesmente entregue aos judeus para ser crucificado (por um piquete de execução formado por quatro soldados romanos comandados por um centurião) por Pilatos que estava ansioso por ver-se livre daquele conflito, tanto mais que sua mulher lhe mandara recado para não se meter com «aquele justo».

(2) O condenado era quem levava o instrumento do suplício, neste caso, provavelmente a trave transversal da cruz, pois o fuste era colocado de antemão no sítio da execução.

(3) Uma pequena elevação de terreno, ou uma colina em forma de promontório, como o que actualmente os árabes em Jerusalém chamam «râs», cabeça, e nós chamamos ordinariamente cabeça na nossa própria língua, distante da Torre Antónia uns quinhentos metros.

(4) Os soldados dando-se conta de que Jesus não conseguiria levar a cruz até ao lugar da execução, requisitaram, usando do seu direito de requisitar outras ajudas em circunstâncias destas, os serviços de Simão, para levar a cruz em vez de Jesus Cristo. À frente ia Cristo e atrás Simão com a cruz, como diz S. Lucas.

(5) Não só as mulheres que costumavam acompanhar Jesus (Cf. Luc. 8, 1-3) servindo-O dos seus bens, mas outras muitas, habitantes de Jerusalém que, mais sensíveis que os homens, reconheciam a inocência de Jesus Cristo e O lamentavam.

RESÚMENES

LA PAZ DE FÁTIMA

La palabra que la Virgen dijo a los pastorcitos de Aljustrel ha sido una palabra de Paz. Una palabra de paz con un pedido de penitencia, con una insistencia sobre la oración. La conversión y la gracia son los dos pilares sobre los cuales asenta el puente de luz que se llama Paz.

Cuando la Virgen se apareció el mundo agonizaba en una guerra considerada la más grande hasta entonces conocida. Luego puso en el corazón angustiado de los niños una flor de esperanza. El mundo sufría los efectos del pecado. La Virgen indica a los videntes los remedios soberanos: conversión y oración.

Desde hace cincuenta años no se ha dejado de anunciar esta palabra que Dios envió a los hombres por intermedio de su Madre. Después de aquella tremenda guerra otra peor sacudió el mundo por que los hombres no habían dejado de ofender a Dios como había pedido la Virgen María para que la guerra no se repetiera.

El mundo se debate aun, aquí y allá, entre guerras y amenazas de guerras. Por que por toda parte reina el pecado. En el terreno abonado de la ambición sin límites, de la mentira sin escrúpulos, de la impureza más impudica, de la más gritante injusticia, es lanzada la semilla de las imposiciones por la fuerza, de las conquistas sin ley, de las extorsiones que hacen nacer y crecer las armas en vez de las flores.

La Paz de Fátima es la esperanza para los creyentes, aliento para los amantes de la justicia. Cuando se cumplieron los cincuenta años sobre las apariciones, el Papa vino a Fátima para recordar el mensaje de la Virgen en favor de la Paz. Algunos meses después, inspirado por su caridad para con todos los hombres, instituyó el Día Mundial de la Paz, el 1 de enero. Nuestra revista

que se hizo eco de ese apelo, vuelta a hacerce, en este año, pregonera del mensaje pontificio.

Se anuncia la Paz, se pide la Paz en los más variados tonos, cada vez con más vehemencia, pero no se puede rehusar su fundamento que continua siendo la palabra del Evangelio, la palabra de la Virgen María: penitencia y oración.

En su mensaje del 8 de diciembre último, Pablo VI dice: «La Paz exige la revisión de los abusos y coincide con la causa de la justicia.» De la conversión viene la gracia y de la gracia viene la Paz. Por eso afirma el Papa: «La Paz es el primer efecto de esta nueva economía a que nosotros llamamos la gracia.»

Si todos los que deseamos la Paz, queremos de veras la Paz, tenemos que aceptar la Paz de Fátima, o sea la Paz auténtica que es fruto de la justicia como la justicia es fruto de la penitencia en la aceptación el don de Dios por la humildad de la oración que suplica y agradece.

Voltemonos para la Virgen y rezemos muchos rosarios pidiendole la Paz. Si en vez de armas los hombres tuviesen rosarios en sus manos, en sus corazones solamente existiría la Paz y la alegría.

CENTRO INTERNACIONAL FAMILIAR

Con la bendición del Obispo de Leiria se ha fundado en Fátima el Centro Internacional Familiar. Este centro se propone promover en todo mundo, una enérgica acción en defensa de la familia. Los días 7 y 8 de diciembre se han reunido en la Domus Pacis, sede internacional del Ejército Azul, varias personalidades portuguesas y francesas para un primer día de oración y estudio. El día 7 hicieron su consagración al Inmaculado Corazón, en la Capilla de las Apariciones, después de la misa celebrada por el señor Obispo y en la que han comulgado todos los participantes. El centro tiene su sede en la Casa de la Visitación, en Cova da Iria. Vá a iniciar muy en breve sus actividades.

APOSTOLADO DE LOS MORIBUNDOS

Nuestra Señora, cuando enseñó el infierno a los pastorcitos, les dijo: «Habeis visto el infierno adonde van las almas de los pobres pecadores.» Son también de la Virgen en Fátima estas palabras: «Muchas almas van al infierno por no haber quienes se sacrificuen y rezen por ellas.»

La obra de que se da noticia en una carta pastoral del Cardinal Seper, Arzobispo de Zagreb, aprobando la obra de apostolado de los moribundos, se enmarca perfectamente dentro del espíritu de Fátima. Pedimos, para esta devoción tan cristiana, la atención de nuestros amigos, de todos los devotos de la Virgen de Fátima.

PEREGRINACIÓN DE DICIEMBRE

Se han realizado todas las ceremonias, como habitualmente durante el invierno, dentro de la Basílica, con excepción del rosario que se ha rezado en la Capilla de las Apariciones, delante de la imagen de la Virgen que después ha sido trasladada a la Basílica. El señor Obispo de Leiria ha presidido a todas las ceremonias y, al final, ha dirigido un vehemente apelo a los peregrinos para que rezen por el Santo Padre y permanezcan fieles a sus enseñanzas. La misa ha sido celebrada por el Superior de la Casa de Lisboa de los Padres Redentoristas. El celebrante ha predicado una homilía sobre el espíritu del Adviento y Fátima que es una preparación para el nacimiento de Cristo en las almas, en la actualidad.

ESTÁTUA DE PABLO VI EN LEIRIA

El 8 de diciembre se ha inaugurado en la ciudad de Leiria la estatua de Pablo VI que el Ayuntamiento ha mandado erigir para recordar el memorable viaje del Papa a Fátima, pasando por Leiria. La estatua es de bronce y ha sido esculpida por el profesor Charters de Almeida.

SUMMARY

THE PEACE OF FATIMA

It was a word of Peace that Our Lady spoke to the little shepherds of Aljustrel. A word of Peace with a request for penance, a word of Peace with an insistence on prayer.

Conversion and grace are the supports which sustain this arc of light which is called Peace.

When the Virgin Mary appeared, the world was groaning beneath the oppression of a war considered to be the greatest until then. Straightaway, a flower of hope blossomed in the anguished hearts of the children. The world was suffering the effects of sin, because «if men do not cease offending God, another and greater war will break out».

There and then, the Virgin pointed out the sovereign remedies to the little seers: conversion and prayer.

For fifty years, this word which God sent to men by means of His Mother has not ceased to be announced: penance and prayer.

That terrible war ended. The word of Fatima remained. Another war shook the world. The Peace of Fatima stood unshaken. Because the same reason is always valid, and war can only come about because men do not cease offending Our Lord and do not pray enough.

The world still struggles, here and there, everywhere, between war and threats of war. Sin rules on every side. On wealthy territory of unbridled ambition, of undisguised lies, of the most shameless impurity, the most crying injustice, falls the bad seed of impositions of force, lawless conquests, extortions, causing armaments to flourish instead of flowers, inundating the land with dead, spreading fire and ruin. And how many souls there are, caught without preparation, who go to Hell!

The Peace of Fatima is the hope and consolation of the believing, encouragement for those who love justice, reward for those who preach goodness and love. In the Cova da Iria, in unceasing vigil, conversion is preached and prayer is offered for Peace.

When fifty full years since the apparitions were completed, the Pope came to Fatima to recall the message of Our Lady. Troubled by the violence which sets men against one another, Paul VI came to kneel at the feet of the Queen of Peace, to ask Her for Peace. From this pulpit he made one of his most dramatic appeals for Peace. Some months later, inspired by his charity towards all men, he instituted the Day of Peace, on the 1st of January each year.

«Fatima 50» echoed this appeal of the Pope, and all his most solemn discourses on Peace, for it could not be otherwise. Once again, at this new year just begun, it is the bearer of the Pontifical Message which repeats the Message of the Mother of God.

Peace is announced, Peace is asked for in the most varied tones, each time more vehement, but there is no fleeing from what is fundamental in Peace, the word of the Gospel, the word Our Lady spoke in Fatima: Penance and prayer.

Pope Paul VI says expressly in his Message of December 8th, 1968, that «Peace demands the correction of abuses and coincides with the cause of Justice.» He speaks thus, principally to youth, perhaps because he sees in them a greater hope of justice and purity.

It was this, too, that Our Lady said to the little shepherds: «to do penance, to repent, and cease offending Our Lord».

From conversion comes grace, and with grace Peace. It is, further, in this sense that Pope Paul VI says in his Message: «Peace is the first effect of that new divine economy which we call grace».

If we all desire Peace — «and is there a man who does not desire it?» — if we really want Peace, we must accept the Peace of Fatima, that is, authentic Peace which is the fruit of justice, as justice is the fruit of penance. It is in the acceptance of the gift of God by the humility of the prayer that makes supplication and thanksgiving.

Let us turn to the Virgin Mary, Mother of Jesus, the Prince of Peace, praying many Rosaries to this intention. If men would only carry rosary beads in their hands instead of arms, then there would be joy and Peace in their hearts.

FATIMA NEWS

INTERNATIONAL FAMILY CENTRE

With the blessing of the Bishop of Leiria, Mons. John Pereira Venâncio, the International Family Centre was founded in Fatima. It is proposed, by means of this Centre, to promote energetic action towards the defense of the family in all fields, throughout the world.

On December, 7th and 8th, 1968, several Portuguese and French personages met at Domus Pacis, the Blue Army International Centre, for a first day of study and prayer. On the 7th, they made their act of consecration to the Immaculate Heart of Mary in the little Chapel of the Apparitions, following Mass celebrated by His Excellency the Bishop of Leiria, during which all received Holy Communion. The Centre has its base in the Cova da Iria, at the House of the Visitation, and will begin operating almost at once.

APOSTOLATE OF THE DYING

Our Lady, when she had shown Hell to the little shepherds, said to them: «You have seen Hell where the souls of poor sinners go.» These also are Our Lady's words at Fatima: «Many souls go to Hell because there is no one to make sacrifices and pray for them.»

The work, of which an account is given in a pastoral letter by Cardinal Seper of Zagreb, the worthy work of the apostolate for the dying, is perfectly embodied within the spirit of Fatima. We call the attention of all our friends to this so christian devotion, which should be dear to all souls devoted to Our Lady of Fatima.

THE DECEMBER PILGRIMAGE

As is customary in the winter, all the ceremonies took place inside the Basilica, except the rosary which was prayed before the statue of Our Lady in Her Capelinha, the statue being carried afterwards to the Basilica. The Bishop of Leiria presided at the pilgrimage. He exhorted the pilgrims, before dispersing, to pray for the Holy Father and above all to remain faithful in their obedience to the Vicar of Christ on earth. The celebrant of the Mass was the Superior of the Redemptorist Fathers in Lisbon. In the homily he spoke on the spirit of Advent, and Fatima which is a preparation for the Birth of Jesus, by grace, in our souls.

STATUE OF POPE PAUL VI IN LEIRIA

On December 8th, the inauguration of a bronze statue in one of the squares of Leiria, took place. It was commissioned by the Municipal Council, who had it executed and erected to commemorate the passage of Paul VI through the city on his way to Fatima during the unforgettable pilgrimage of Peace made by His Holiness last year. The statue is a vivid representation of the Supreme Pontiff on his way, and is the work of Professor Charters de Almeida.

THE LADY CLOTHED IN LIGHT

A play based on the Apparitions in Fátima par *Alice Ogando*.

L P «ALVORADA - International».

On sale at the shops of the Sanctuary.

LA BELLE DAME VETUE DE LUMIERE

Une pièce basée sur les Apparitions de Fátima par *Alice Ogando*
Un disque «ALVORADA-International», 33 1/3 r/m
En vente aux magasins du Sanctuaire.

O ROSÁRIO E A MENSAGEM

DE FÁTIMA NO PERÍODO PÓS-CONCILIAR

Artigo publicado
na revista
ROSÁRIO DE MARIA
pelo
padre Luis Cerdeira O. P.

Os fins do Concílio

Tarefa doutrinal renovadora e ecuménica foi a que se propôs levar a efeito o Concílio Ecuménico Vaticano II, conforme se depreende daquelas palavras de João XXIII no discurso pronunciado no acto inaugural do mesmo Concílio, em 11 de Outubro de 1962 e que rezam assim: ... «o que mais importa ao Concílio Ecuménico é o seguinte: que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz. Esta doutrina abarca o homem inteiro, composto de alma e corpo, e, como é peregrino, manda-o tender para o céu (1) «... O nosso trabalho não tem como fim primário, discutirem-se alguns capítulos mais importantes da doutrina eclesiástica ...» mas antes «... investigá-la e expô-la do modo que pedem os nossos tempos» (2) «... Não nos compete defender só este precioso tesouro da doutrina católica, como se nos interessássemos apenas pela antiguidade; mas com alegria e sem temor, empenhamo-nos no trabalho que a nossa época exige, continuando pelo caminho que a Igreja percorreu em quase vinte séculos. (3) Por isso «... hão-de admitir-se, na exposição das matérias, as maneiras de expor que mais se adaptem ao magistério, cuja índole é, sobretudo, pastoral». (4)

E, como já tinha anunciado João XXIII, Paulo VI, depois de insistir nas mesmas ideias, lembra que o Concílio se propôs também (cita as palavras do seu antecessor) «na grande questão da unificação num só redil de todos quantos crêem em Cristo e desejam ardentemente ser membros da sua Igreja» (5).

O Concílio teve uma finalidade essencialmente Pastoral

Além duma finalidade doutrinal e ecuménica, o Concílio propôs-se uma finalidade eminentemente pastoral, que se realizará na medida em que os homens todos chegarem ao conhecimento e à vivência do

mistério de Jesus Cristo, incarnado, crucificado e morto na Cruz e ressuscitado para a vida do Mundo que veio redimir e salvar.

Comunicar aos homens do nosso tempo, sem distinção de raças ou condições sociais ou religiosas, a mensagem evangélica de redenção e de salvação e ajudá-los a viver essa mesma mensagem, é a razão de ser da Igreja no Mundo, foi a razão fundamental que motivou o Concílio e deve ser a grande preocupação de verdadeiros membros conscientes duma Igreja viva, que vivem os problemas pessoais e os outros e que procuram resolvê-los, sob a orientação da mesma Igreja, à luz das verdades da fé, à luz dos ensinamentos conciliares. Esta finalidade pastoral deve atingir todos os que ainda não pertencem ao Povo de Deus, nem de direito, nem de facto, que ainda não conhecem a Cristo, a Sua mensagem, a Sua doutrina, o Seu Evangelho, a fim de que «conheçam e sirvam o único Deus verdadeiro e Aquele a quem o Pai enviou». (6) Mas deve atingir, de um modo especial, os que já fazem parte da Igreja, de facto e de direito. O Concílio, portanto a Igreja, em seus documentos diz-nos qual deve ser a verdadeira face da Igreja no Mundo de hoje, peregrina, militante, apóstola, missionária, Igreja viva. Esses documentos exigem-nos a todos, desde o Papa, Bispos, sacerdotes, religiosos, ao último fiel, uma autêntica vida de verdadeiros filhos de Deus, de verdadeiros discípulos de Cristo, de verdadeiros irmãos de todos os homens, tenham ou não a nossa fé, sejam ou não da nossa raça e condição social, porque «para Deus não há judeu, nem grego, nem homem ou mulher, mas o homem novo renovado em Cristo» (7).

Metanóia ou conversão total

A cada membro da Igreja é pedida, digamos assim, uma **metanóia**, uma mentalidade nova, uma mentalidade de Concílio, uma mentalidade autenticamente evangélica para ser uma mentalidade autenticamente cristã. Esta **metanóia** estende-se ao domínio das ideias, portanto deve atingir a inteligência humana, iluminada pela fé, pela visão das verdades evangélicas enquadradas nos nossos tempos, segundo o espírito do Concílio. Depois de influir nas inteligências, esta **metanóia** tem de estender-se ao simples modo de sentir e de reagir perante os problemas do mundo contemporâneo, mas um sentir e um reagir que estejam em perfeito acordo, mais interior que exteriormente, com o sentir da Igreja e de quem, autoritativamente, a representa. Só então terá lugar a **metanóia** ou conversão perfeita, que nos leva a um viver, a um agir, a uma conduta de autênticos discípulos de Cristo, em todos os campos da actividade humana, religiosa, moral, social, etc., que nos leve a ser verdadeiras testemunhas que incarnam em sua vida, a sua fé, a mesma vida de Cristo e, por Cristo, nos leve ao mesmo Pai dos céus. É-nos assim exigida uma conversão total das nossas ideias, dos nossos sentimentos e dos nossos actos, para que nos unamos numa comunhão perfeita com Cristo, com a Igreja, com os sucessores dos Apóstolos, com todos os homens. Se assim não for, não tem sentido algum a comunhão ou a união que se estabelece entre os que recebem o mesmo Corpo e Sangue do Senhor ou se unem pela mesma oração e pelo mesmo sacrifício. A conversão total ou metanóia perfeita tem de

ser vital, tem de abranger o homem todo, tem de atingir toda a Igreja, pastores e fiéis.

Nisto insistem todos os documentos conciliares, desde a Constituição **Lumen Gentium**, ao último decreto. Este era o sentido da visão, como que profética, de João XXIII, ao lançar a ideia do Concílio e ao ordenar a sua efectivação. E não é outro o modo de pensar, de falar e de agir de Paulo VI, que se serve de mil e uma maneiras para nos convidar e urgir a vivência dos ensinamentos conciliares sob a orientação da autoridade da Igreja.

Para a realização desta tarefa doutrinal renovadora, devem convergir todas as actividades pastorais da Igreja, neste período pós-conciliar, todas as atitudes e modos de proceder dos pastores e dos fiéis que se proponham seriamente viver e fazer viver o mistério de Cristo, tornado nosso mistério neste mundo, para o ser também no outro.

Conteúdo do Rosário e da Mensagem de Fátima e os fins do Concílio

Nesta ordem de ideias podemos formular a seguinte pergunta:

Terão o Rosário e a Mensagem de Fátima um conteúdo de doutrina e de vida que, bem aproveitado, pastoralmente, possa contribuir para que se consigam os fins do Concílio?

A resposta não pode deixar de ser afirmativa.

A Mensagem de Fátima é «Mensagem evangélica de penitência e de oração» (8); é mensagem de salvação, e a devoção do Rosário é «meio providencial nos destinos da humanidade atribulada» (Pio XII), «é o resumo do Evangelho» (Leão XIII). Uma e outro são aceites e aprovados pela Igreja, pelos pastores e pelos fiéis. A Mensagem de Fátima recebeu, ainda há pouco, plena aprovação e rectificação, solene e oficial, da parte de Paulo VI, com a sua recente vinda a Fátima. O Rosário (ninguém o pode negar, porque seria contradizer a história) tem aprovação e aceitação universal da Igreja, pela voz dos Papas e pela piedade do povo cristão. Mais: o Rosário tem a aprovação implícita do próprio Concílio Ecuménico Vaticano II, quando no Cap. VIII da Constituição **Lumen Gentium** (n.º 67) fala das devoções com que temos de honrar e invocar a Virgem Maria.

Sabe-se, de fonte autorizada, que, na redacção do referido número, houve peritos e padres conciliares que insistiram para que se designasse «ex professo» a devoção do Rosário por alguma destas expressões ou equivalentes: «Utpote Rosarium» «verbi gratia Rosarium». E para que se dissipassem as dúvidas de que assim é, o próprio Papa Paulo VI se encarregou de nos dar a interpretação do número a que nos estamos referindo, por estas palavras que passamos a citar: «O Rosário é uma forma de oração muito adaptada ao sentido do Povo de Deus, muito agradável à Mãe do Senhor e eficaz para obter os dons do Céu. Esta oração recomendou-a o Concílio Ecuménico do Vaticano a todos os filhos da Igreja, de maneira bem certa, ainda que não explícita, dizendo que se dê grande importância a estas práticas e exercícios de devoção para com Maria, como o Magistério recomendou no decurso dos séculos.» (9)

Esta interpretação foi corroborada pelas palavras do Sumo Pontífice, proferidas na audiência geral de 21 de Setembro de 1966: «Estamos convencidos de

que esta oração (o Rosário), embora não seja, a falar com propriedade, nem litúrgica, nem oficial, tem muitas qualidades dignas de serem exploradas, mesmo pela espiritualidade moderna: o ritmo, em forma de ladainha, segundo o qual se desenrola; os temas evangélicos que apresenta; a união da oração vocal com a meditação interior que a define; o seu carácter tradicional e a sua difusão que a tornaram a voz humilde, serena e, enfim, a eficácia impetrável que lhe é reconhecida.

Para que, de facto, o Rosário e a Mensagem de Fátima possam contribuir eficazmente, a fim de que se consigam os fins do Concílio, é preciso que todos, pastores e fiéis, cumpram aquela recomendação conciliar do decreto sobre o Apostolado dos Leigos: «A todos os fiéis é imposto o insigne encargo de trabalhar para que a mensagem divina de salvação seja conhecida e recebida por todos os homens, em todos os lugares da terra.» (10)

Conteúdo teológico-espiritual e moral do Rosário e da Mensagem de Fátima

As duas mensagens, falemos assim, do Rosário e de Fátima, que se interpenetram, não são em rigor mensagens didácticas ou teológicas, mas sim mensagens de vida moral, ascética e prática. No entanto, não deixam de nos oferecer um conjunto de verdades de fé, de um valor dogmático e teológico transcendentes, que fica bem, pelo menos, enumerar, já que a índole deste trabalho não permite explaná-las.

Vivendo o Rosário e a Mensagem de Fátima, prestamos adesão, mediante actos de fé, simultâneos com a oração e outros actos de vida cristã que nos levam às seguintes verdades: existência de Deus; mistério de SS. Trindade; Onnipotência e Omniciência divinas; Providência de Deus que dirige e governa o Mundo e os acontecimentos da vida humana; Bondade de Deus Remunerador que, porque é justo, dá o prémio ao bem e o castigo ao mal e, porque é misericordioso, perdoa aos pecadores arrependidos; o mistério de Cristo, Filho de Deus, incarnado, crucificado, morto e ressuscitado para salvação do mundo; à Maternidade divina, pela qual Maria é a Mãe de Jesus, a Mãe dos homens e possui todos os dotes de perfeição e bondade que A tornam nossa Advogada e digna do nosso amor e da nossa imitação; à existência dos Anjos a quem Deus confiou a guarda dos homens e das nações; à Verdade, segundo a qual o homem que está sujeito às tentações, pelo mau uso da sua liberdade, pode ofender a Deus; aos Novísimos: morte, juízo, eternidade, purgatório, céu e inferno; aos dogmas da Comunhão dos Santos, da Igreja, que tem o Papa como Vigário de Cristo; à gravidade do pecado que merece o castigo; à necessidade e eficácia dos Sacramentos, concretamente da Confissão e da Eucaristia; ao valor da oração, concretamente do Rosário; ao valor do sacrifício em seu aspecto de reparação, etc.

No aspecto espiritual, moral e prático, o Rosário e a Mensagem de Fátima dão-nos um verdadeiro programa de vida que, posto em prática, nos leva a uma perfeita renovação ou conversão **metanóia**, segundo o autêntico espírito do Concílio, quer reduzamos a dois os pedidos da Virgem — oração e penitência, — quer os reduzamos a mais — oração, emenda de vida, penitência e devoção ao Imaculado Coração de Maria.

A Pastoral e o conteúdo teológico-espiritual e moral do Rosário e da Mensagem de Fátima

Todo este conjunto de verdades teológico-dogmáticas, todo este conjunto de pedidos ou normas práticas de perfeito programa de vida cristã autêntica, podem e devem ser objecto do ministério pastoral que os Pastores têm de exercer a bem dos fiéis para que, assimilando-as e vivendo-as, realizem a sua conversão plena a Deus e à Igreja, para bem próprio e dos outros homens de quem se devem considerar solidários, como autênticos filhos da Igreja.

O Rosário (idêntica afirmação vale a respeito da Mensagem de Fátima) através de suas preces e seus mistérios evangélicos, torna-se e é, não só verdadeiro método perfeito de oração, mas também verdadeira norma de vida para realizar a perfeita configuração com Jesus e Maria, os modelos mais autênticos de vida cristã. É de uma eficácia extraordinária para a obtenção da graça de Deus, para O louvar e para a vivência plena das virtudes cristãs: teológicas, cardiais, individuais, familiares e sociais, tão recomendadas em todos os documentos conciliares. Mais, o Rosário é meio efficacíssimo para a perfeita vivência da Mensagem de Fátima. Rosário e Mensagem de Fátima estão intimamente entrelaçados entre si, no seu conteúdo teológico-dogmático e no seu aspecto de programa moral, espiritual e prático de autêntica vida cristã ou de verdadeira conversão a Deus.

Revitalização do Rosário e da Mensagem de Fátima

Quem não compreende que a oração do Rosário — um dos pedidos da Mensagem de Fátima — pode e deve ser revitalizado por uma pastoral que inculque aos fiéis o valor da oração em si mesma, da oração vocal e mental, da oração comum e privada, da oração litúrgica, pastoral que inculque, à base dos seus mistérios, os temas evangélicos que devemos meditar e viver segundo aquele pensamento de S. Paulo que não desejava conhecer e pregar outra coisa senão a Jesus Cristo e a este crucificado (11)? Apliquem-se neste ponto aqueles princípios segundo os quais a Constituição sobre a Sagrada Liturgia fomenta o «adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições susceptíveis de mudança» (12) e «deseja que, onde for necessário, sejam prudente e integralmente revistas no espírito da sã tradição e lhes seja dado novo vigor, de acordo com as circunstâncias e as necessidades do nosso tempo» (13).

O pedido em que a Virgem de Fátima fala da «emenda de vida» (que a vivência do Rosário supõe) fornece à pastoral um tema da mais flagrante actualidade para que os fiéis realizem a autêntica conversão de que fala o Concílio porque «emenda de vida» exige fuga de todo e qualquer pecado, sobretudo mortal, exige a vida em graça a divinizar-nos e a comunicar-se ao próximo, a desenvolver-se e a crescer, pois, só assim o cristão realiza a sua vocação de baptizado, a sua vocação à santidade.

Fala também a Mensagem de Fátima em penitência, já em seu aspecto de fidelidade aos deveres de estado e à observância da lei do Senhor, já em seu aspecto do Rosário e que foi um dos temas mais predilectos da pregação de João Baptista, do próprio Jesus, dos Apóstolos e o é da própria liturgia da Missa (14). Quem não vê na pregação e prática da penitência assim entendida um verdadeiro meio a que

a pastoral pós-conciliar pode recorrer para formar cristãos autênticos, testemunhas de vida evangélica no mundo moderno?

Recomendou ainda a Virgem em sua Mensagem a devoção ao seu Imaculado Coração, símbolo do seu amor de Mãe de Deus e dos homens, amor que Ela viveu praticamente pela vivência dos mistérios de Jesus, que se tornaram, segundo meditamos no Rosário, os seus mesmos mistérios. Este amor e devoção a Maria, como correspondência ao Seu amor maternal, deve andar unido à reparação, ao desagravo pelos pecados próprios e alheios os quais ofendem directamente a Deus e vão magoar o Seu Coração maternal. Amor e reparação que devem ser vividos não só pela prática da comunhão reparadora, como também pela recitação e meditação do Rosário, são como que um estímulo para que os fiéis se sintam solidários de todos os seus irmãos, se sintam responsáveis pela salvação dos outros, se sintam, de direito e de facto membros do Corpo Místico de Cristo, do Povo de Deus, da Igreja. E não é tudo isto objecto dos documentos conciliares? E não podem e devem estes temas merecer a atenção de uma autêntica pastoral pós-conciliar?

E, porque, segundo o espírito do Concílio, a vida cristã tem de ser moldada num conhecimento e numa vivência mais perfeitas do Evangelho, da Liturgia e do mistério da Igreja, maior será o contributo da Mensagem de Fátima e do Rosário, se o Povo de Deus, mediante uma sábia acção pastoral, melhor cohecer uma e outro, à luz do Evangelho, da Liturgia e do mistério da mesma Igreja.

O Rosário e a Mensagem de Fátima revitalizados à base do Cap. 8 da «Lumen Gentium»

A Mensagem de Fátima e o Rosário podem e devem ainda ser revitalizados por uma sábia acção pastoral pós-conciliar, se houver o cuidado de explanar convenientemente aos fiéis toda a doutrina do cap. 8 da «Lumen Gentium» que trata da «Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, no mistério de Cristo e da Igreja» desde o preâmbulo ao seu epílogo.

Os números 52-54 dão-nos a justificação do lugar que a Virgem ocupa na Igreja e ensinam-nos os motivos que levaram os Padres Conciliares a juntarem num só documento o que se refere à Virgem e à Constituição da Igreja. Não será difícil revitalizar a Mensagem de Fátima e o Rosário, segundo a doutrina dos números 55-59, se o ministério pastoral apresentar aos fiéis a doutrina que ali nos é ministrada sobre a Virgem, Mãe do Messias, no Antigo Testamento, na Anunciação, no seu convívio com o Menino Jesus em Sua vida oculta, na vida pública do Salvador, na Sua vida dolorosa, qual «Alma Socia Christi» e «Nova Eva», na sua Ressurreição, depois da Ascensão e o dom do Espírito Santo à Igreja, e a plena realização dos mistérios de Cristo em Maria, consumada em graça na sua Assunção e Glorificação pela Santíssima Trindade.

Que de riqueza doutrinária incalculável não fornecem à pastoral pós-conciliar os números 60-65 do mesmo cap. 8 para revitalizar o Rosário e a Mensagem de Fátima, esclarecendo os fiéis sobre a doutrina que trata da missão da Virgem na Igreja, missão maternal a favor dos homens, sentido da Sua cooperação ou mediação maternal, Sua maternidade espiritual que é, ao mesmo tempo, tipo exemplar da Igreja.

Quanto ao culto e devoção a tributar a Maria, maneira de os expor aos fiéis para que evitem desvios doutrinais, de piedade e até de vivência cristã, a pastoral pós-conciliar pode e deve dar melhor compreensão ao Rosário e à Mensagem de Fátima, se houver cuidado em assimilar e expor dignamente os números 66-69.

Esta revitalização, de que apenas esboçamos ideias muito gerais, levará o Povo de Deus, através do Rosário e da Mensagem de Fátima, a compreender o perfeito significado e razão de ser do amor e da devoção a Maria e como, em união com a Igreja, devemos olhar para Ela, como «sinal firme de esperança e de consolação» (15) neste peregrinar até ao Céu.

«Aggiornamento» do Rosário

Nesta ordem de ideias arriscamos mais uma pergunta.

Será ou não conveniente e até necessário proceder, nesta época pós-conciliar, a um «aggiornamento» do Rosário, devoção que se tornou e tem sido um meio providencial, para melhor proceder a uma renovação da sua estrutura, sobretudo na enumeração dos seus mistérios?

O problema está a ser agitado, desde há muito tempo, até com congressos internacionais do Rosário. Há quem lamente não haver nos mistérios do Rosário referência alguma directa e mais concreta à Adoração dos Magos, ao Baptismo de Jesus, às Bodas de Caná, à Transfiguração, à Última Ceia, à Palavra de Deus meditada pela Virgem. Uns insistem porque no Rosário se deve prestar mais atenção à vida pública de Jesus, à Sua catequese evangélica. Reclamam outros, e não sem razão, que é preciso eliminar a espécie de divórcio ou desequilíbrio entre a Bíblia e o Rosário, a Liturgia e o Rosário, desequilíbrio que não é tão pronunciado, como se afirma, e se deve mais a certas deficiências pastorais no modo de expor e levar os fiéis a viver os mistérios do Rosário, devoção mariana que, na Igreja, tem mais fundamento bíblico e mais relação com a Liturgia que qualquer outra.

Esta tarefa do «aggiornamento» do Rosário, que tantos reclamam, é digna de se ponderar e tentar levar a efeito, tendo em conta o espírito do Concílio, que tanto convida a melhor conhecer e meditar a Bíblia, o Evangelho e a fazer da oração litúrgica, sobretudo da celebração eucarística, «o cimo e a fonte de toda a vida cristã» (16).

Importa, por isso, que as actividades pastorais dos pregadores, mestres de vida espiritual, e de todos os que têm missão pastoral junto das almas, orientem os fiéis no sentido de darem à vivência do Rosário um carácter autenticamente evangélico, portanto bíblico e litúrgico, visto que é a Bíblia, o Evangelho, a fonte dos mistérios rosarianos, e a sua designação de gozosos, dolorosos e gloriosos tem íntima relação com o ciclo do ano litúrgico, na contemplação dos mistérios da vida de Jesus, de Maria e dos Santos.

É de desejar que os estudos a fazer, fundados nas necessidades que uma pastoral conciliar impõe, facilitem uma estruturação mais completa dos mistérios do Rosário, mantendo o conjunto de quinze, divididos em três séries, ou aumentando o seu número e séries (houve quem já apresentasse um elenco de quatro e sete séries), mas de modo que se tenha em conta o que a reforma da Liturgia, que está em vias

de se tornar definitiva, pode subministrar ao Rosário e, mais ainda, o que lhe pode subministrar o Evangelho, sem esquecer que a elaboração de uma nova estruturação dos mistérios rosarianos deve realmente facilitar aos fiéis a consideração dos mistérios que principalmente visem a Encarnação de Jesus, a Sua Vida oculta e pública, a Sua Paixão, o Seu triunfo, mistérios que nos apresentam, de um modo ainda mais perfeito, a Virgem intimamente associada a Cristo, no mistério da Salvação, que tem de se tornar nosso mistério neste mundo e no outro. É o que, aliás, nos sugerem os números 55-56 do cap. 8 da **Lumen Gentium**.

CONCLUSÃO

Revitalizado assim o Rosário em seu «aggiornamento», o que terá de ter a aprovação do Magistério da Igreja, ficará ainda mais revitalizada a Mensagem de Fátima e cairá por terra a acusação que muitos fazem, dizendo que o Rosário e a Mensagem de Fátima estão ultrapassados em nossos dias. A quem assim pensar e falar poderemos dar uma resposta semelhante à que foi dada a um incrédulo que afirmava: «A Bíblia está ultrapassada.» — «Dizei antes, que ainda não chegou a ser entendida.»

Não. O Rosário e a Mensagem de Fátima não estão ultrapassados. Não foram nem são ainda verdadeiramente entendidos e vividos por todas as almas para cuja santificação e salvação existem na Igreja.

NOTAS

- (1) AAS 54 (1962) 790.
- (2) Ibidem, 791-792.
- (3) AAS 54 (1962) 791-792.
- (4) Ibidem.
- (5) Discurso de Paulo VI na abertura da II Sessão do Concílio Vaticano II, pronunciado a 29 de Setembro de 1963.
- (6) Jn. 17/3.
- (7) Gál. 3/28; 2 Cor. 5/17; Gal. 6/15; Eph. 2/10; 4/23-24.
- (8) Paulo VI, 28/3/65.
- (9) Encíclica **Christi Matri Rosarii**, 15/9/1966.
- (10) Decreto **Apostolicam Actuositatem**, n.º 3.
- (11) 1 Cor. 2/2.
- (12) Constituição **Sacrosanctum Concilium**, n.º 1.
- (13) Ibidem-4.
- (14) (Confiteor ...; aufer a nobis ...; Kyrie ...; qui tollis peccata mundi, miserere nobis ...; pro innumerabilibus peccatis meis ...; et in animo contrito ... redime me et miserere mei ...; ab aeterna damnatione nos eripi, nobis quoque peccatoribus ...; Dimitte nobis, debita nostra ...; Ab omnibus iniquitatibus meis ... Domine non sum dignus ... ut in me non remaneat scelerum macula ...).
- (15) Constituição **Lumen Gentium**, n.º 68.
- (16) Constituição **Sacrosanctum Concilium**, n.º 10.



PAULO VI: UMA ESTÁTUA DE BRONZE ASSINALA A SUA PASSAGEM EM LEIRIA

Inaugurou-se em Leiria, no dia 8 de Dezembro do ano transacto, uma estátua de Paulo VI para assinalar a sua passagem pela cidade a caminho de Fátima, em 13 de Maio de 1967.

A estátua, de bronze, assenta sobre um plinto de granito e representa o Papa em jeito de passar, entre as aclamações dos fiéis, abençoando. Foi executada pelo prof. Charters de Almeida, ilustre leiriense, por deliberação unânime da Câmara Municipal de Leiria, que custeou a obra.

Esta é a segunda estátua do Pontífice que na Diocese de Leiria assinala a sua presença entre nós. A primeira encontra-se no recinto do Santuário, esta no coração da cidade do Lis.

Às 11 horas, na Igreja de Santo Agostinho, por estar em obras o edifício da Sé, foi celebrada missa de pontifical pelo bispo da Diocese, Dom João Pereira Venâncio.

Na altura própria, Dom Domingos de Pinho Brandão, bispo Auxiliar, referiu-se brilhantemente à tríplice festa: a festividade de Nossa Senhora, o aniversário da sagração e da entrada de Dom João Pereira Venâncio em Leiria e a solene inauguração da estátua a Paulo VI na sede episcopal. E frisou com veemência sentir também satisfação por ver assim festejar a Imaculada Conceição, o Bispo de Nossa Senhora e o Papa de Nossa Senhora.

Os Bombeiros Municipais fizeram a guarda de honra ao altar. Após a missa procedeu-se à inauguração do monumento.

Antes, porém, o presidente do Município leiriense, inspector escolar Bernardo das Neves Pimenta, saudou o sr. governador civil, que tomava parte, pela primeira vez, numa cerimónia daquele género, após a sua nomeação.

Saudou também os venerandos Antístides presentes e justificou a construção do monumento: recordação para sempre da passagem inolvidável desse bondoso e querido Pastor Augusto que, em 13 de Maio de 1967, passou nas ruas desta antiga cidade e pelas terras formosas e amigas da diocese de Leiria. Cónscio de que assim interpretava os melhores sentimentos da religiosidade das populações

leirienses, desejou perpetuar tão notável acontecimento para a nossa terra, sentindo-se feliz por agora ver concretizada a sua ideia. Teve ainda algumas elogiosas palavras para o autor da obra, prof. Charters de Almeida, ilustre filho de Leiria.

A seu convite, Dom João Pereira Venâncio e o dr. José Damasceno Campos, governador civil, descerraram, conjuntamente, a estátua, acto sublinhado por enorme aclamação dos assistentes.

O senhor Bispo de Leiria pronunciou a seguinte alocação:

Enriquece-se hoje sobremaneira esta cidade de Leiria. Com poder ostentar nobres pergaminhos mais a enobrece ainda o acto que aqui se realiza e cuja grandeza o sr. presidente da Câmara tão justamente sublinhou.

A mim enche-me de alegria como leiriense, que me orgulho de ser, como português, como Bispo da Santa Igreja, de que é Chefe visível e supremo o Papa, Vigário de Cristo na Terra. Sinto-me feliz como nas horas das mais solenes inaugurações.

Na verdade, este monumento, que o talento de um artista leiriense, com tamanha mestria, concebeu e executou, se fica, por um lado, a eternizar no bronze, diante dos vindouros, o momento histórico e saudoso em que o Santo Padre, Paulo VI, na passagem por Leiria a caminho de Fátima, se deteve para receber das mãos de V. Ex.^a, sr. presidente da Câmara, a homenagem de toda a população da cidade e do concelho — fica também a atestar os seus nobres sentimentos de gratidão, sr. presidente, e da digna Vereação e de toda a população da nossa terra. Por muitos anos que eu viva, não mais poderei esquecer a multidão que veio saudar o Papa e o sentimento, a ordem, a compostura e o entusiasmo com que o fez.

E hoje, essa mesma população está aqui, a cumprir, largamente representada. Por isso rejubilo, como leiriense, ao ver como Leiria se honra ao honrar o Papa, por meio deste belo monumento.

Como português, porque, embora o Vigário de Cristo só tivesse pisado terra da Diocese de Leiria a verdade é que por toda ela é da mais portuguesa quer a olhemos do alto dos castelos de Leiria, de Ourém e de Porto de Mós, quer a beijemos no plaiño de Fátima, quer a contemplemos a

13 de Maio de 1967 : Paulo VI é aclamado à sua passagem pela Cidade do Lis



desentranhar-se no Pinhal d'El-Rei ou empapada no sangue da Batalha e enamorada do mar que demoradamente a beija. As terras de Leiria são realmente do mais lídimo que se honra do nome de português. E a vinda do Papa a Fátima foi a peregrinação do Vigário de Cristo a uma parcela do solo português, a Portugal.

Talvez nunca se tivesse falado tanto de Portugal como nessa hora singular em que Sua Santidade se dignou vir abrir o ciclo das comemorações festivas do Cinquentenário das Aparições.

Não será razoável que também como português dê largas ao júbilo de que o meu coração transborda?

Mas, por amorosa disposição da Providência, sou também, mau grado a pobreza de qualidades, o Bispo da Diocese. O Papa é o Chefe visível da Igreja fundada pelo próprio Cristo. A Igreja, numa crise de aperfeiçoamento, de purificação e de crescimento, é objecto da crítica e do desamor de tantos, até de alguns dos seus filhos que, embora com recta intenção, a desservem e amarguram. Numa coisa, porém, quero crer, estamos todos de acordo acerca da figura e da personalidade de Paulo VI: — é o Homem superior escolhido pela Providência para, com prudência, santo atrevimento e edificante esperança e optimismo, fazer singrar a nau da Igreja para porto seguro através de um mar encapelado. Paulo VI é o grande paladino da unidade cristã, ele é o maior defensor da Paz do Mundo; por amor da qual nenhum sacrifício enjeita.

Gasta-se heróicamente no combate ao erro e na ardente

exaltação da Verdade. Homem de fé viva, serve-se de todos os meios para a conservar pura e para a despertar e consolidar nos outros. Com o Santo Padre, o Papa Paulo VI, até o Mundo, quanto mais a Igreja, ganham uma nova dimensão.

Que palavra se poderia esperar de mim, como Bispo, senão a afirmação sincera de que me inunda a alma uma alegria profunda e comunicativa que irradia de todo o meu ser. Vejo, na verdade, nesta hora, e neste lugar, irmanados os grandes amores da minha vida: a Santa Igreja na pessoa Augusta do Papa, Fátima com a Mãe de Deus e nossa Mãe e a Pátria que todos estremecemos.

Tanto basta, sr. presidente, para o felicitar e a toda a Exma. Câmara de sua superior direcção pela ideia e pela esplendorosa realização gentilmente unida ao aniversário da minha sagração episcopal. Seria pouco dar-lhe os parabéns.

Em nome do Santo Padre e da Santa Igreja, em meu nome como Bispo desta cidade e diocese, compete-me agradecer este momento da dignação sem par do Santo Padre Paulo VI e do nobre sentimento da nossa gratidão que V. Ex.^a, com os seus colaboradores, soube tão brilhantemente interpretar e concretizar.

Deus lhe pague e à nossa terra com mil bênçãos; e ao talentoso escultor e mestre, o autor do monumento, o encha das Suas melhores graças e ilumine da Sua luz para que possa continuar sempre ao longo da vida a transmitirmos, em novas e sempre mais altas obras de arte, a beleza por que a nossa alma anseia e que é, afinal, uma imagem da própria Beleza Incrinda e Infinita — o próprio Deus!

CENTRE INTERNATIONAL FAMILIAL

Béni par le Prêlat de Leiria, Mgr. João Pereira Venâncio, le Centre International Familial s'est fondé à Fatima. Ce Centre se propose de susciter, dans le Monde entier, une action énergique pour défendre la famille dans tous les domaines.

Les 7 et 8 Décembre 1968, diverses personnalités portugaises et françaises se sont réunies à «Domus Pacis», Siège International de l'Armée Bleue, pour un premier jour de prière et d'étude. Le 7 ils ont fait leur consécration au Coeur Immaculé de Marie dans la Chapelle des Apparitions, après la messe célébrée par l'Evêque de Leiria et durant laquelle tous ont reçu la Communion. Le Centre a son siège à la Cova da Iria, maison de la Visitation, et il va commencer d'ici peu ses activités.

RÉSUMÉS

APOSTOLAT DES MOURANTS

En montrant l'enfer aux pasteurs, Notre-Dame leur a dit: «Vous voyez l'enfer ou vont les âmes des pauvres pécheurs» La Vierge Marie a prononcé aussi ces paroles: «Beaucoup d'âmes vont en enfer parce qu'il n'y a personne qui se sacrifie et prie pour elles». L'oeuvre de l'Apostolat par les mourants, approuvée par le Cardinal Seper de Zagreb dans une lettre pastorale, s'encadre parfaitement dans l'esprit de Fatima. Pour cette dévotion si chrétienne, nous demandons l'attention de nos amis, de tous les dévots de Notre-Dame de Fatima.

PELERINAGE DE DECEMBRE

Toutés les cérémonies se sont déroulées, selon l'habitude en hiver, à l'intérieur de la Basilique, excepté le chapellet qui a été récité à 10 heures devant la statue de Notre-Dame, dans sa petite chapelle. Cette statue a été transportée ensuite à la Basilique. L'Evêque de Leiria a présidé le pèlerinage et, à la fin, il a exhorté les pèlerins à prier pour le Saint-Père et surtout à rester fidèles à l'obéissance au Vicaire du Christ sur la Terre. Le Supérieur des Pères Rédemptoristes de la maison de Lisbonne a célébré la messe. Au cours de l'homélie, il a prononcé une allocution sur l'esprit de l'Avent et sur Fatima qui est une préparation à la Naissance de Jésus, de la grâce, dans nos âmes.

PARA A HISTÓRIA DA URBANIZAÇÃO DA COVA DA IRIA

Francisco Pereira de Oliveira

V

Os primeiros marcos do aglomerado urbano

Terminadas as aparições de Nossa Senhora em 13 de Outubro de 1917, a Cova da Iria nasce como agregado populacional com duas características que são próprias dos locais submetidos a factores estranhos à organização e concepção humana das cidades, vilas e aldeias. Uma população flutuante invade os campos e as terras sujeitas a cultivo, tornando por conseguinte impossível o amanho destas. A própria vidente Lúcia havia de dizer, bastantes anos mais tarde, quanto a sua família sofreu e foi prejudicada com os estragos que os peregrinos ocasionavam nas culturas de seu pai na Cova da Iria, o mesmo sucedendo a tantos outros proprietários. Se as terras eram de natureza pobre, quais não seriam as culturas pisadas pelas pessoas que, sem estradas ou carreiros, vinham pelos campos fora para rezar no local onde a Virgem Santíssima aparecera às três crianças de Aljustrel. As paredes que dividiam as fazendas eram arrazadas para que as carroças e os poucos automóveis da época pudessem vir mais perto da Cova.

Perto do local das aparições outra característica se define: a fixação da população permanente, a que atraída pelo facto religioso vê nele a forma de alcançar melhoria da sua situação económica. E assim nasce com a fixação dos primeiros incólas, a povoação da Cova da Iria. A esta fixação não é estranho o comércio. Em 1922 surge a primeira construção de pedra e cal que logo passa a ser o primeiro estabelecimento comercial e fabril. Nele se instala uma padaria e o comércio de vinhos e comidas. Em 1926 são já três casas de habitação com 15 moradores e 2 estabelecimentos. Em 1928 existem 7 fogos, 32 habitantes e 4 casas comerciais. Em 1933 são 23 fogos, 76 habitantes e 8 estabelecimentos de comércio. Em 1938 existem 35 casas, 147 habitantes, 8 casas de comércio e 4 pensões e casas de pasto. Em 1943 existem 51 fogos com 208 pessoas, 14 casas de comércio e 8 pensões e casas de pasto.

A impossibilidade de cultivar as suas terras dentro de um perímetro bastante vasto a partir do local exacto das aparições, fez com que muitos proprietários desistissem de cultivar o milho, as batatas, o feijão e sobretudo a aveia que era hábito cultivar na região da Cova da Iria, e passassem a procurar o rendimento, ou na construção, por conta própria, de barracas para a venda directa de artigos religiosos e comes e bebes, ou a alugar as suas terras a outros que ali passaram a fazer a edificação de barracas de madeira. Foi por isso que em 1943 podiam contar-se alinhadas ao longo da estrada e sobretudo nos terrenos que mais se situavam junto da entrada principal do recinto, 18 destas barracas. Em algumas eram instaladas camas para alugar aos peregrinos que, vindos de longe e sujeitos às canseiras e intempéries de grande viagem, aceitavam dormir umas escassas horas e às vezes não por pouco dinheiro, porque em bastas ocasiões, é triste dizê-lo, a ganância instalou-se no espírito de pessoas menos escrupulosas.

Em 1949 o aglomerado da Cova da Iria possuía 68 fogos com 266 pessoas, 19 casas comerciais e 10 pensões e casas de pasto.

Mas o afluxo destas populações, a flutuante e a fixa, criou necessidades próprias dos aglomerados populacionais. A resolução dos problemas respeitantes a uma e outra esteve dependente durante anos e anos de quem não criou Fátima, mas se viu a braços com necessidades que a vida humana não pode protelar. A autoridade eclesiástica que, mesmo antes de aprovar o culto de Fátima, tornando dignas de crédito as aparições de Nossa Senhora (Provisão de D. José Alves Correia da Silva de 13 de Outubro de 1930), teve que providenciar em dar luz, protecção e resolver tantos outros problemas de multidões e multidões de peregrinos e dos habitantes de uma povoação que à volta do Santuário se ia formando. Se, na palavra do senhor Cardeal-Patriarca, não foi a Igreja que criou Fátima, mas foi Fátima que se impôs à Igreja, de igual modo não foram as autoridades civis que criaram a povoação da Cova da Iria e mais tarde se encontraram com graves dificuldades de urbanização pela intervenção desordenada dos homens, não foi porque durante um espaço bastante longo se não fizessem ouvir as vozes de jornais que tantas vezes chamaram a atenção das autoridades para os problemas de Fátima.

Em 2 de Junho de 1939 o «Jornal de Notícias», do Porto, publicou uma vasta reportagem, que abrangeu duas páginas, sobre os problemas de Fátima-Santuário e Fátima-povoação. Nesta reportagem o jornalista Paulo Freire classificava Fátima de «himalaia de fé na incompreensão dos homens». O mesmo jornalista tratou, no mesmo jornal, em 4 de Julho e 1 de Agosto de 1951, de problemas relacionados com as necessidades da Cova da Iria. E como este, o «Século», o «Diário de Notícias», «Novidades», «A Voz» e tantos outros se fizeram eco da urgência em resolver o problema urbanístico da Cova da Iria.

Uma representação ao senhor Presidente do Conselho de Ministros

O acontecimento que materializou a Cova da Iria efectuou-se no dia 6 de Agosto de 1918 com o início das obras da construção da pequeníssima capela, dentro da qual havia um nicho onde foi colocada a primeira imagem invocada sob a designação de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Esta capela é construída em satisfação do pedido da Santíssima Virgem na aparição de Agosto, para que no local das aparições fosse erigida uma capela em sua honra.

Em 1923, o grande historiador de Fátima, o primeiro entre tantos que têm tratado da história das aparições de Nossa Senhora, publicou um opúsculo intitulado «Os acontecimentos de Fátima», no qual, e na página 18, se lê o seguinte: «O projecto dos santuários — a piedade dos fiéis deseja ardentemente levantar no local das aparições um monumento grandioso em honra da augusta Mãe de Deus.

O projecto acolhido com maior entusiasmo é o da construção de um templo no cimo do outeiro que domina a Cova da Iria, no sítio onde os videntes dizem ter-se dado a primeira aparição, e de catorze capelas, ladeando uma avenida que conduza da estrada principal até ao templo-monumento. Este será dedicado à coroação de Nossa Senhora e as capelas aos outros mistérios do Rosário.

Para estas obras era absolutamente indispensável encontrar água, mas num raio de muitos quilómetros não aparece água em Fátima, senão em pequena quantidade e proveniente da chuva recolhida em lagoas e cisternas. Por isso, uma comissão de habitantes daquela povoação tomou a iniciativa de mandar proceder a sondagens nos terrenos adjacentes à capela comemorativa das aparições.

A primeira sondagem foi feita em 9 de Novembro de 1921, depois da primeira missa campal, à distância de quarenta metros da capela. Tendo começado os trabalhos de manhã, ao meio-dia já todos os operários saciavam a sede com a água que jorrou abundante da rocha viva.

Nos últimos meses de Verão a água quase desapareceu, depois que recommençaram os trabalhos destinados a tornar maior a capacidade do poço, vendo-se apenas lacrimejar uma das paredes. Em princípios de Novembro de 1922, concluídas as obras do poço, que tem agora muitos metros de profundidade, a água límpida da nascente, rebentando com força, em seguida às primeiras chuvas do Outono, encheu totalmente o vasto reservatório, como tiveram ocasião de ver os numerosos fiéis que a 13 desse mês visitaram o lugar das aparições.» (Visconde de Montelo — Empresa Veritas — Guarda, Janeiro de 1923).

Ao lado deste primeiro reservatório foram construídos mais dois. Aquele a que se refere o Visconde de Montelo encontra-se debaixo do monumento ao Sagrado Coração de Jesus, que se ergue no meio do recinto. A falta de água e a necessidade de abastecer as multidões que acorriam a Fátima e que em 1924 já se abasteciam das 15 torneiras que em Junho desse ano foram colocadas à volta do reservatório central, levou a administração do Santuário a construir cisternas para armazenagem de água destinada às obras e gastos das casas que se iam edificando, tal como a casa destinada a residência do capelão, principiada em 1924.

A água retirada do primeiro reservatório é atribuído carácter sobrenatural. Várias pessoas declaram ter sido favorecidas com curas de seus males depois de terem usado tal água. Tanto assim que a comissão nomeada pelo senhor Bispo de Leiria para tratar do processo canónico das aparições, encarregou o sr. José de Almeida Lopes «pessoa da confiança da comissão», de enviar essa água às pessoas que a solicitassem. A água era enviada em bilhas de folha estampada.

Uma outra grande preocupação das autoridades religiosas é a luz tão necessária para a iluminação do recinto, como para accionar os aparelhos de transmissão das cerimónias. Em 13 de Outubro de 1927 são utilizados altifalantes, pela primeira vez, para que o povo possa ouvir todas as cerimónias.

Em 13 de Outubro de 1930 foi inaugurada uma cabina telefónica. Assistiram o senhor Bispo de Leiria, o governador civil de Santarém, presidente da câmara e administrador do concelho de Vila Nova de Ourém, Junta de freguesia e muito povo. A cabina ficou instalada no hotel de N.ª Sra. do Rosário, o primeiro de Fátima, propriedade do Marquês de Rio Maior, à beira da estrada distrital, hotel que havia sido inaugurado pelo Presidente da República, general António Óscar de Fragoso Carmona, em 13 de Maio de 1929.

Mas para a instalação e funcionamento da estação telégrafo-postal, criada a pedido da autoridade eclesiástica, por portaria do ministro das Obras Públicas e Comunicações, de 12 de Junho de 1934, teve

o Santuário que fornecer um edifício que se encontrava à beira da estrada principal, em frente do arco da entrada do recinto. Para o funcionamento da estação teve ainda o Santuário que fornecer empregado, o sr. António Rodrigues Romeiro, de Leiria, que havia vindo para o Santuário como sacristão. O posto telefónico que se encontrava no hotel passou a funcionar no mesmo edifício da estação telégrafo-postal.

Além dos problemas de ordem espiritual que o desenvolvimento do culto de Nossa Senhora de Fátima ia gerando e que a mão segura e providencial de D. José Alves Correia da Silva ia acertadamente resolvendo, procurou o ilustre Prelado a resolução de tantos outros relacionados com a parte urbana do Santuário e da povoação que se ia erguendo. Assim, em 3 de Junho de 1936, o senhor Dom José desloca-se a Lisboa ao Ministério das Obras Públicas, a convite do então ministro Eng. Duarte Pacheco. Acompanham-no o dr. Carlos de Azevedo Mendes, presidente da Câmara Municipal de Torres Novas e o arquitecto João Antunes, da Câmara Municipal de Lisboa, técnico encarregado das obras de arquitectura do Santuário. Diz-se que nessa altura, o ministro teria mostrado ao senhor bispo o esboço de um plano de urbanização, no qual se previa a construção de um casino. O ministro teria ainda dito ao senhor Dom José que pedisse dinheiro para as obras de Fátima pois estaria na disposição de participar. O Prelado mostrou o seu descontentamento com a inclusão do casino declarando que se havia intenção de prosseguir nessa ideia ele estaria na disposição de não autorizar o culto em Fátima. Embora durante algumas peregrinações se tivessem instalado em terrenos nas proximidades do recinto carrocés e barracas de diversões, não apareceram nos diversos esboços de anteplosos casinos ou casas semelhantes, que a atitude do grande Prelado condenou imediatamente, com o aplauso unânime dos que hoje admiram em Fátima o recolhimento e ambiente verdadeiramente sobrenaturais.

Continuou, porém, o Santuário a resolver os diversos problemas urbanos.

Como a energia eléctrica instalada numa pequena central, a norte da basílica, não chegava para as necessidades, em 13 de Maio de 1936 entrou em funcionamento um novo grupo gerador de energia formado por um motor Junkers que recebeu a bênção do Arcebispo de Évora, D. Manuel da Conceição Santos, tendo assistido ao acto os bispos de Leiria e de Beja. Foi, durante muitos anos, encarregado da central eléctrica, o operário do Santuário, José Inácio Vicente, filho do segundo encarregado de obras Manuel Vicente. O José Vicente passou a viver com sua família numa casa construída pelo Santuário nas proximidades da central eléctrica.

Em 20 de Janeiro de 1943 foi estabelecido contrato com a Companhia Eléctrica das Beiras para o fornecimento de energia eléctrica. Em princípio, a luz eléctrica destinava-se apenas ao Santuário. Porém, os habitantes da Cova da Iria, nessa altura, pediram para beneficiar desse grande melhoramento. Para as despesas com a montagem da linha contribuiu o Santuário com o subsídio de 40 contos e comprometeu-se a pagar à Companhia 10 000 quilovátios, ainda que o consumo não atingisse este escalão. Os habitantes pagaram à sua custa os ramais eléctricos para as suas casas.

Outro problema que surge e que a autoridade eclesiástica procura resolver, a presença, junto das



Edifício onde, durante muitos anos, esteve instalada a estação telegrafo-postal

multidões, dos mendigos, maltrapilhos e amigos do alheio. Em 31 de Maio de 1928, o senhor Dom José Alves Correia da Silva publica uma «Provisão» com instruções sobre o modo dos peregrinos procederem com os pobrezinhos. Quem se não lembra ainda da verdadeira invasão de mendigos, à beira das estradas, com as lamúrias que tantos reparos e protestos causaram, até que medidas enérgicas os impediram de exibirem em Fátima os seus aleijões e as suas mazelas?

Para guardar os presos foi necessário improvisar uma cadeia nas dependências pertencentes à administração do Santuário. A vigilância aos larápios e carteiristas tinha que principiar longe, na estação de caminho de ferro que servia Fátima — Chão de Maçãs. Essa vigilância era feita por ordem do vice-presidente da Câmara de Vila Nova de Ourém, ou administrador do concelho, que delegava essas funções no oficial de diligências Abel Faria do Carmo, homem com grande tacto policial. Este homem terá feito centenas de prisões em Chão de Maçãs e em Fátima.

Tornava-se, porém, absolutamente necessário regularizar a manutenção da ordem, não só para o bom desenrolar dos actos religiosos, como também para a segurança dos peregrinos e dos habitantes da Cova da Iria que, por vezes, se viam roubados nos seus haveres e dinheiro. A pedido do senhor Bispo de Leiria foi criado, em 4 de Março de 1949, pelo comando da Polícia de Segurança Pública de Santarém, um posto policial no Santuário de Fátima (Cova da Iria), constituído por 2 guardas. Os primeiros guardas ao serviço do posto foram Alfredo dos Santos Dias, guarda de 2.ª classe n.º 82/703, e José Maria Gueifão, guarda n.º 118/692. O posto fica instalado numa casa doada ao Santuário por António Augusto Nogueira da Silva, de Lisboa.

Entretanto, o ministro das Obras Públicas desloca-se à Cova da Iria para estudar «in loco», com as autoridades eclesiásticas e civis, os problemas da urbanização. Em 19 de Fevereiro de 1946, desloca-se aqui o eng. Cancela de Abreu, ministro das Obras Públicas, que é acompanhado do subsecretário da mesma pasta, eng. José Frederico Ulrich, e do arquitecto Cotinelli Telmo, autor do esboço da urbanização. Assistem a esta reunião o senhor Dom José Alves Correia da Silva, o presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém, António Castelino de Sousa e Alvim, os governadores civis, de Santarém, major Lino Valente, e de Leiria, dr., Acácio de Paiva e os padres Amílcar Martins Fontes, reitor do Santuário, e Carlos de Azevedo, administrador da «Voz da Fátima» e capelão do Carmelo de São José.

Em 8 de Novembro de 1947, nova reunião ministerial na Cova da Iria, com o ministro das Obras Públicas, eng. José Frederico Ulrich, director-geral da urbanização, eng. Manuel de Sá e Melo e o presidente da Câmara de Vila Nova de Ourém.

Nestas reuniões são apreciados os estudos feitos para a elaboração definitiva do plano de urbanização. Destes estudos fazem parte os levantamentos topográficos e cadastrais feitos nos anos de 1941, 1942

e 1943 pelo eng. Pedro Antunes Ruivo, ao serviço da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, que em Fátima percorreu e, levantou topográficamente todos os terrenos, edificações de qualquer natureza, numa área de vários quilómetros quadrados. Tornou-se necessário elaborar um vasto levantamento geográfico cadastral para servir de base à elaboração definitiva do plano. Em parte destes trabalhos foi o eng. Antunes Ruivo auxiliado pelo autor destes artigos.

Porém, tornava-se necessário que, seguindo o principio evangélico «dar a Deus o que é de Deus e a César o que é de César», o Governo tomasse a seu cargo a resolução dos problemas inerentes a uma grande povoação que se formava e os outros próprios dos grandes ajuntamentos, deixando à autoridade eclesiástica os assuntos estritamente relacionados com o culto e a devoção e os derivados do recinto e instalações do próprio Santuário. Foi por isso que em 6 de Maio de 1955, o senhor Bispo de Leiria se deslocou a Lisboa para entregar ao senhor Presidente do Conselho de Ministros, professor dr. António de Oliveira Salazar, a seguinte exposição: «Excelência: Até agora o Santuário de Fátima tem tomado a seu cargo, não só a parte religiosa, mas também a parte material necessária ao desenvolvimento da povoação da Cova da Iria, onde está situado, e à organização das peregrinações.

Assim, foi o Santuário que resolveu o problema da luz eléctrica e do abastecimento de água (este último com a comparticipação do Estado);

Foi o Santuário que teve que fornecer casas aos C. T. T., sob ameaça da povoação ficar sem correio;

É o Santuário que está a fornecer casa, água e luz, telefone, impressos, etc., ao posto da Polícia de Segurança Pública;

É o Santuário que está a resolver o problema dos parques de estacionamento, para o que tem comprado terrenos por preços elevadíssimos;

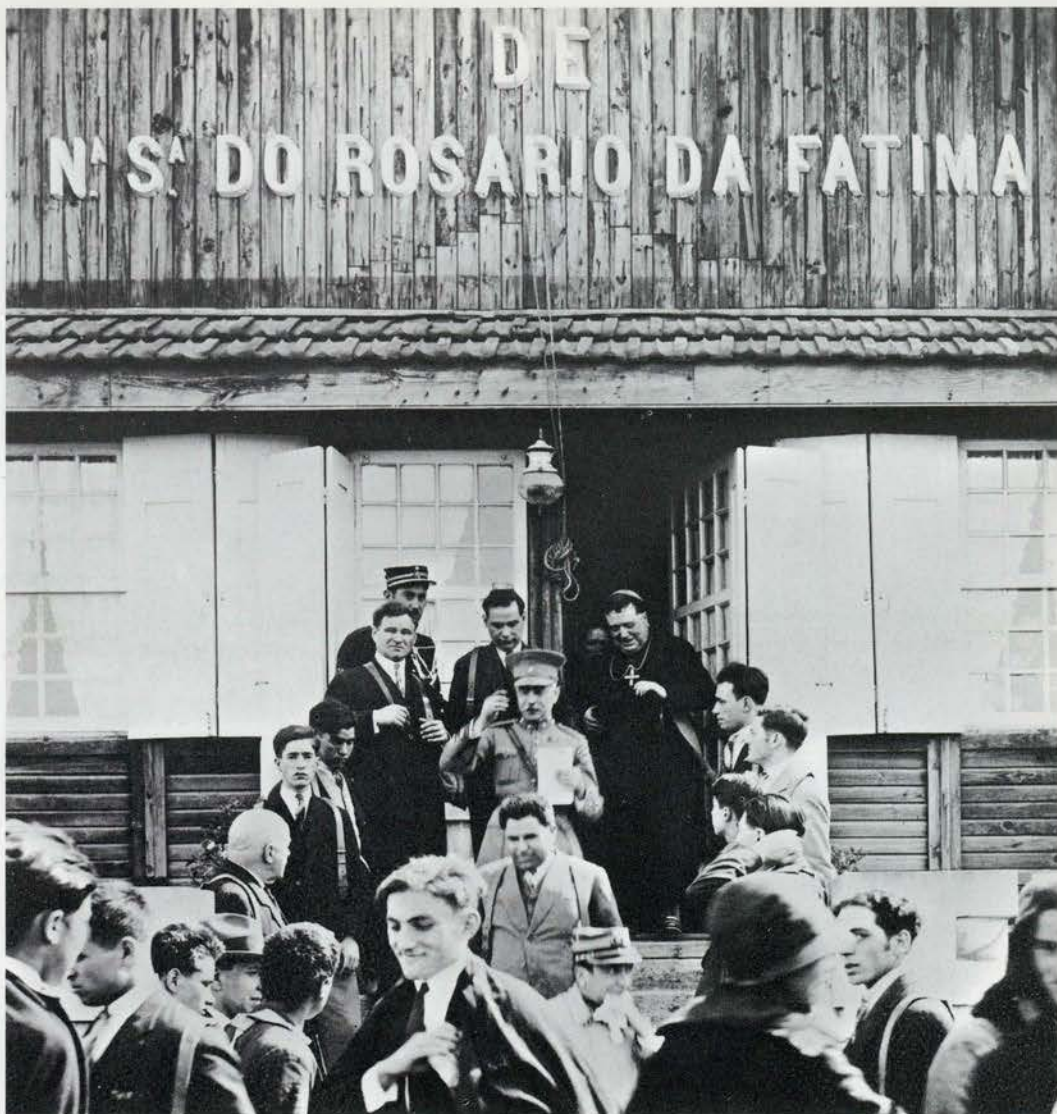
É ainda o Santuário que, por ocasião das peregrinações, dá alojamento aos empregados dos Correios, à Polícia de Viação e Trânsito, Polícia de Segurança Pública, Polícia Judiciária, Emissora Nacional, etc. pagando quase sempre as despesas de deslocação e alimentação.

Este estado de coisas, além de outros inconvenientes, tem o de supor que o Santuário quer centralizar tudo, formando uma espécie de monopólio e opondo-se a que as entidades competentes façam o que lhes compete fazer.

Por isso, pede-se a V. Excelência se digne ordenar que, ficando a cargo do Santuário o que é de ordem espiritual, o Estado resolva urgentemente o problema dos esgotos e instalações sanitárias, edifícios condignos para os C. T. T. e Polícia, mercado, escolas, cemitério, chafarizes em abundância e em vários locais, abrigos para os peregrinos, parques de estacionamento, campo de aviação, estação de caminho de ferro, não esquecendo a iluminação pública e o problema da mendicidade, que tão má impressão causa aos peregrinos.

Por último, aproveito esta oportunidade para agradecer a V. Excelência e ao seu Governo, a assistência técnica e facilidades que até hoje têm sido concedidas às obras do Santuário.»

Esta representação teve os seus efeitos. Passados 12 anos o senhor Presidente do Conselho de Ministros manda fazer um decreto que permite a realização dos fundos necessários para as infra-estruturas da futura cidade de Fátima. Porém, deste assunto trataremos mais adiante.



No primeiro hotel de Fátima, propriedade do Marquês de Rio Maior, foi instalado o primeiro telefone da Cova da Iria



13 de Maio de 1929. O Presidente da República, General António Oscar de Fragoso Carmona, após a inauguração do primeiro hotel de Fátima. Na foto vê-se ainda o saudosos Bispo de Leiria, senhor Dom José

